

O EVANGELHO DE MAHARISHI

Tradutor: Domingos Vieira*

Revisor: Pedro Livio Vieira

© Sri Ramanasramam
Tiruvannamalai

*(domingos_sande@yahoo.com.br)

PUBLICADO PRIMEIRAMENTE NA OCASIÃO

DO 60º ANIVERSÁRIO DE

Bhagavan Sri Ramana Maharshi

27 de dezembro de 1939

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Bhagavan Ramana Maharshi é considerado um dos maiores sábios de todos os tempos. Profundidade, naturalidade e simplicidade são traços de sua presença, que o leitor encontra também nas respostas por ele dadas às perguntas feitas pelos discípulos.

Ramana Maharshi viveu em corpo físico do final do século 19 a meados do século vinte. Nesse período, ocorreram as duas grandes guerras mundiais e se deu a libertação da Índia do jugo inglês. Os ideais iluministas de uma sociedade ordeira e em constante progresso, baseada na ciência e na razão, soçobravam, e a humanidade atravessava mais uma grande crise.

A angústia existencial resultante de um dos principais objetivos da modernidade, o de banir a transcendência do horizonte humano, já havia encontrado, anteriormente e de diferentes formas, muitas vezes para manifestar-se, como, por exemplo, em Dostoiévsky, Schopenhauer, Van Gogh e Marx, e continuava a fazê-lo, como em Kafka, Freud, Cioran e inúmeros outros indivíduos por todo o mundo.

Ramana Maharshi, com a idade de dezesseis anos, após uma experiência relacionada ao fenômeno da morte, deixou a família e se dirigiu para a sagrada montanha Arunachala, onde viveu os próximos 54 anos, os vinte e cinco primeiros morando em cavernas, e os demais em uma comunidade que se formou em torno dele, até abandonar o corpo, em 1950. Pessoas de toda a Índia e de várias partes do mundo se dirigiram a Arunachala, para estarem em sua presença, em busca de paz e sabedoria.

Tornou-se conhecido no Ocidente, e mais amplamente na própria Índia, após a publicação do livro "*A Search in Secret India*", traduzido no Brasil como "*A Índia Secreta*", de Paul Brunton, um dos pseudônimos do jornalista e escritor inglês Raphael Hurst. O escritor Somerset Maugham o retratou como Sri Ganesha no livro "*O Fio da Navalha*", em que o personagem Larry, em contraste com a banalidade cotidiana e rejeitando a vida convencional, encontrando-se traumatizado com as experiências que viveu na primeira grande guerra, viaja para a Índia em busca do verdadeiro significado da vida.

O sábio instrui os buscadores, fundamentalmente, a realizarem uma investigação, por si mesmos e em si mesmos, com a finalidade de despertarem para a sua verdadeira natureza, que é infinita, e que se encontra, por assim dizer, encoberta por um véu de imagens, conceitos e representações acerca de si próprios e do mundo. Suas palavras apontam a forma de realizar essa investigação e são admiravelmente esclarecedoras para aqueles que se

aventuram nessa jornada. Seus ensinamentos têm, desde as primeiras palavras, o sabor da liberdade.

Vivemos, na modernidade tardia, em um estado de banalização da vida. Ciência e razão se mostraram insuficientes para dar conta dos tremendos desafios da existência e para lidar com as poderosas forças que regem a vida humana. Como diz a Vedanta, essas forças devem ser trazidas à tona e expostas não apenas à mente consciente, ao ego, que é limitado e não tem condições de lidar com elas, ele mesmo formado por essas forças; as poderosas forças que regem a vida humana devem ser expostas à dimensão infinita do indivíduo.

Na modernidade tardia, as grandes narrativas, que sempre foram incompletas e precárias, perderam a força, e já não servem como sistema de orientação. Não havendo mais transcendência e tendo soçobrado as promessas de criação de uma boa sociedade com base na ciência e na razão, resta apenas aos indivíduos a banalidade cotidiana. Corre-se em busca de um “nada” sempre apresentado com diferentes ornamentos. O sujeito fragmentado é reconfigurável e molda-se ao sabor das aceleradas demandas mercadológicas, e das transformações sociais que as acompanham, no terreno em que o único horizonte é a superfície.

Em relação aos precários sistemas e estruturas que desmoronaram, desreferencializada a realidade e dessubstancializado o sujeito, o desamparo do indivíduo atinge níveis gigantescos, que têm de ser dissimulados também com uma gigantesca máquina de entretenimentos e de outras formas de fuga.

Nessa situação, como disse o filósofo Nikolai Berdyaev, a montanha desaparece do horizonte para sempre, deixando apenas uma planície infinita.

Com os ensinamentos de Ramana Maharshi, a montanha, além de metaforicamente, retorna literalmente ao horizonte. Trata-se da sagrada Montanha Arunachala, de onde vem essa mensagem, que se aplica a todas as épocas e circunstâncias, pois se refere ao que é completo e estável, à nossa verdadeira natureza.

Nesta tradução, mantive os termos sânscritos que se encontram no texto original em inglês, adicionando uma breve explicação na primeira ocorrência de cada um deles, mantendo, também, o glossário da edição original. É útil, por fim, que se advirta de que palavras e expressões como “Self”, “verdadeira natureza do indivíduo”, “Si Mesmo”, “verdadeiro eu”, “Deus”, “Coração”, Atman, “Brahman” e “Ser” são sinônimos e se referem à essência de todos os seres e de todas as coisas.

Especial agradecimento a Pedro Livio, por sua inestimável colaboração.

PREFÁCIO

Em atenção ao desejo sincero de um grande número de devotos de Bhagavan Sri Ramana, as respostas a algumas das perguntas que lhe foram colocadas ao longo do tempo estão impressas em forma de livro, sob o título EVANGELHO DE MAHARSHI, para o benefício do mundo em geral.

Essas questões ocorrem sempre a muitos de nós, e lutamos internamente para resolvê-las. As respostas dadas pelo Maharshi são a quintessência da Sabedoria Divina, baseadas, como são, em seus conhecimento e experiência diretos. Suas respostas são de inestimável valor para o buscador da Verdade.

A profunda verdade da Advaita, de que a singular e única realidade é o absoluto Si Mesmo, ou Brahman, em lugar algum foi mais lucidamente exposta que nestas páginas. Porque, por um lado, é na base da mais alta experiência, que é sua, que Bhagavan Ramana fala; e, por outro, é a partir do ponto de vista do entendimento comum do leigo que o aspirante pergunta e busca conhecer a Verdade.

A verdade é a mesma para todos, e Sri Bhagavan dirige o sincero aspirante a investigar e analisar criticamente sua própria experiência íntima e buscar por si mesmo o âmago do seu ser, o Coração, que é eternamente idêntico à Indivisível Realidade Última, da qual tudo o mais visto ou conhecido é apenas uma manifestação fenomenal.

Toda palavra que sai da boca do Sábio é a essência da sabedoria dos Upanishads, da qual ele próprio é a encarnação suprema.

O leitor devoto vai encontrar nestas páginas conselhos práticos, e vai adquirir a convicção de que sua natureza essencial é divina.

CONTEÚDO

LIVRO I

Capítulo

- I Trabalho e Renúncia
- II Silêncio e Solidão
- III Contrôles da Mente
- IV *Bhakti and Jnana*
- V Si Mesmo e Individualidade
- VI Autorrealização
- VII O Guru sua Graça
- VIII Paz e Felicidade

LIVRO II

- I Autoinvestigação
- II *Sadhana* e Graça
- III O *Jnani* e o Mundo
- IV O Coração e o Self
- V O Local do Coração
- VI *Aham* and *Aham-Vritti*

Apêndice

Glossário

I - TRABALHO E RENÚNCIA

Discípulo: Qual é a mais alta meta da experiência espiritual para o homem?

Maharshi: A autorrealização.

D: Pode um homem casado realizar o Ser?

M: Certamente. Casado ou solteiro, um homem pode realizar o Si Mesmo, porque Isso está aqui e agora. Se não fosse assim, mas atingível por algum esforço em algum tempo, e se fosse uma coisa nova e tivesse de ser adquirida, não valeria a pena persegui-la. Porque o que não é natural também não é permanente. Mas o que eu digo é que o Ser está aqui e agora, e só há ele.

D: Um boneco de sal que seja lançado ao mar não estará protegido por um revestimento impermeável. Este mundo em que temos de labutar diariamente é como o oceano.

M: Sim, a mente é a capa impermeável.

D: Pode, então, o indivíduo estar envolvido no trabalho e, livre do desejo, manter sua solidão? Mas os deveres da vida nos deixam pouco tempo para sentarmo-nos em meditação ou mesmo rezar.

M: Sim. O trabalho realizado com apego agrilhoa, enquanto o trabalho realizado com desprendimento não afeta o agente. Ele se encontra, mesmo enquanto trabalha, em solidão. Engajar-se em seus afazeres é o verdadeiro *namaskar* (reverência ao Ser)... e permanecer em Deus é a única verdadeira *asana* (postura de práticas espirituais).

D: Eu não devo renunciar ao lar?

M: Se fosse esse o seu destino, a questão não surgiria.

D: Por que então você deixou a sua casa na juventude?

M: Nada acontece senão pelo ordenamento divino. A linha de conduta nesta vida é determinada pelo *prarabdha* (karma maduro) do indivíduo.

D: É bom dedicar todo o meu tempo à busca da minha verdadeira natureza? Se isso for impossível, devo simplesmente manter-me quieto?

M: Se você conseguir manter-se quieto, sem se envolver em qualquer outra busca, isso é muito bom. Se tal não puder ser feito, qual é a utilidade de ficar quieto no que diz respeito à realização? Enquanto a pessoa é obrigada a estar ativa, que ela não desista de suas tentativas para realizar o Self.

D: As ações de um indivíduo não o afetam em nascimentos posteriores?

M: Você agora se encontra nascido? Por que você pensa sobre outros nascimentos? O fato é que não existe nem nascimento nem morte. Deixe aquele que nasce pensar na morte e em seus correspondentes paliativos!

D: Você pode nos mostrar os mortos?

M: Você sabia a respeito dos seus parentes antes do nascimento deles, de tal sorte que deve procurar saber sobre eles após morrerem?

D: Como é que um chefe de família se encaixa no esquema da libertação? Ele não tem necessariamente de se tornar um mendicante para alcançar a libertação?

M: Por que você acha que você é um chefe de família? Pensamentos correspondentes de que você é um renunciante irão obcecá-lo, mesmo se você renunciar. Quer você continue na família ou renuncie e vá para a floresta, sua mente irá persegui-lo. O ego é a fonte do pensamento. Ele cria o corpo e o mundo, e faz você pensar ser um chefe de família. Se você renunciar, ele só irá substituir o pensamento "chefe de família" pelo de "renunciante" e o ambiente de casa pelo da floresta. Mas os obstáculos mentais estarão sempre lá com você. Eles até mesmo aumentam nos novos ambientes. Mudar de ambiente não ajuda. O único obstáculo é a mente, que deve ser superada, seja em casa ou na floresta. Se você pode fazê-lo na floresta, por que não em casa? Portanto, por que mudar de ambiente? Você pode se empenhar agora mesmo, qualquer que seja o ambiente.

D: É possível desfrutar de *samadhi* (estado de absorção no Ser) estando ocupado em atividades mundanas?

M: O sentimento "eu trabalho" é o obstáculo. Pergunte a si mesmo "quem trabalha?" Lembre-se de quem você é. Assim, o trabalho não irá acorrentá-lo; ele seguirá automaticamente. Não faça esforço, seja para trabalhar, seja para renunciar; o seu esforço é o cativo. O que está destinado a acontecer acontecerá. Se estiver destinado a não trabalhar, você não encontrará trabalho, mesmo se o procurar; se estiver destinado a trabalhar, você não será capaz de evitá-lo; será forçado a envolver-se nele. Dessa forma, deixe a questão para o poder superior; você não pode renunciar ou reter à sua escolha.

D: Bhagavan disse ontem que, enquanto se está engajado na busca de Deus "dentro", o trabalho "exterior" segue automaticamente. Na vida de Sri Chaitanya é dito que, durante suas palestras para os alunos, ele estava realmente buscando Krishna (Self) interiormente – esquecia-se de tudo sobre seu corpo e continuava a falar apenas de Krishna. Isso levanta uma dúvida sobre se o trabalho pode seguramente ser deixado de lado para seguir por si mesmo. Deve-se manter uma atenção parcial no trabalho físico?

M: O Self é tudo. Você está fora do Si Mesmo? Ou, pode o trabalho continuar sem o Self? O Ser é universal: por isso, todas as ações terão continuidade, quer você se esforce para estar envolvido com elas ou não. O trabalho vai continuar por si só. Por isso, Krishna disse a Arjuna que ele não precisava se preocupar por matar os Kauravas, pois eles já estavam mortos - já haviam sido imolados por Deus. Não cabia a ele decidir-se a agir e preocupar-se com isso, mas permitir à sua própria natureza realizar a vontade do poder superior.

D: Mas o trabalho pode ser prejudicado se eu não prestar atenção a ele.

M: Prestar atenção a Si Mesmo significa prestar atenção ao trabalho.

Porque se identifica com o corpo, você pensa que o trabalho é feito por você. Mas, o corpo e suas atividades, incluindo o trabalho, não existem fora do Self. O que importa se você presta ou não atenção ao trabalho? Suponha que você ande de um lugar a outro: você não presta atenção aos passos que dá. No entanto, após algum tempo, você se encontra no lugar almejado. Você perbebe como a atividade de caminhar se processa sem que você preste atenção a ela. Assim, também, com outros tipos de atividades.

D: É, então, como andar dormindo.

M: Como o sonambulismo? Isso mesmo. Quando uma criança adormece sem haver comido, sua mãe o alimenta. A criança ingere o alimento tão bem como quando está completamente desperta. Na próxima manhã, porém, ela diz para a mãe: "Mãe, eu não comi à noite passada". A mãe e os outros sabem que ela se alimentou, mas a criança diz que não; ela não estava consciente. Ainda assim, a ação ocorreu.

Um viajante em uma charrete cai no sono. Os touros se movem, ficam parados ou são desatrelados durante a viagem. Ele não se dá conta desses eventos, mas se vê em um lugar diferente ao acordar. Permaneceu ditosamente ignorante das ocorrências no caminho, mas a viagem foi concluída. O mesmo acontece com o Ser de uma pessoa. O Ser sempre desperto se compara ao viajante dormindo na charrete. O estado de vigília é o movimento dos touros; o *samadhi* corresponde a quando os touros estão parados (porque *samadhi* significa *jagrat-sushupti**, ou seja, a pessoa está desperta, mas não envolvida com a ação; os touros estão jungidos, mas não se movem); o sono profundo corresponde ao desatrelamento dos touros, pois há completa interrupção da atividade, que corresponde a livrar os touros do jugo.

* Situação semelhante ao sono profundo, porém no estado de vigília.

Ou, considere a alegoria do cinema. As cenas são projetadas na tela durante a exibição cinematográfica. Mas, as imagens em movimento não afetam ou alteram a tela. O indivíduo na platéia presta atenção às cenas, mas não à tela. As cenas não podem existir sem a tela; contudo, a tela é ignorada. Assim, também, O Self é a tela em que as imagens, atividades, etc, são vistas acontecendo. O indivíduo está consciente destas, mas não daquela, que é essencial. De qualquer forma, o mundo de imagens não existe fora do Self. Quer se esteja consciente ou não da tela, as ações irão continuar.

D: Mas há um operador no cinema!

M: A exibição cinematográfica é feita de materiais insensíveis. A lâmpada, as imagens, a tela etc, são todos insensíveis e, por isso, requerem um operador, o agente senciente. Por outro lado, o Self é consciência absoluta e, portanto, autossuficiente. Não pode haver um operador fora do Self.

D: Eu não estou confundindo o corpo com o operador; refiro-me, isso sim, às palavras de Krishna no verso 61, capítulo XVIII do Gita:

1 "O Senhor, ó Arjuna, habita no coração de cada ser, e Ele, por Seu poder de criar ilusões, faz girarem à volta todos os seres criados, como se em uma máquina

M: As funções do corpo, que envolvem a necessidade de um operador, têm o suporte da mente; uma vez que o corpo é *jada* ou não senciente, um operador é necessário. Porque as pessoas pensam que são *jivas* (seres individuais), Krishna disse que Deus reside no coração como o operador dos seres individuais. Na verdade, não há *jivas* nem operador, por assim dizer, fora deles. O Self engloba tudo. Ele é a tela, as imagens, o espectador, os atores, o operador, a luz, o recinto, e tudo mais.

Confundir a sua verdadeira natureza com o corpo, e imaginar que é você que atua, é o mesmo que um espectador fazer uma idéia de si mesmo de que ele é um ator desempenhando um papel no filme. *Imagine o ator perguntando se ele pode participar de uma cena no filme sem que haja a tela!* Tal é o caso do indivíduo que pensa que suas ações podem ocorrer separadas do Self.

D: Devemos, portanto, aprender o sonambulismo!

M: Ações e estados estão em concordância com seu ponto de vista. Um corvo, um elefante, uma cobra, cada um faz o uso de um membro para duas finalidades alternativas. Com cada uma das vistas, o corvo olha para o lado correspondente; para o elefante, a tromba tem a finalidade tanto de mão quanto de nariz, e a serpente vê e ouve com os olhos. Quer você diga que o corvo tem uma visão ou mais de uma, ou se refira à tromba do elefante como "mão" ou "nariz" ou chame os olhos da serpente de ouvidos, isso significa a mesma coisa. Da mesma forma, no caso do *jnani* (sábio), sono desperto,

estado de vigília como no sono profundo, sono com sonhos, ou vigília com sonhos, são, todos, a mesma coisa.

D: Mas nós temos de lidar com um corpo físico em um mundo físico desperto! Se dormirmos enquanto o trabalho estiver em andamento, ou tentarmos trabalhar durante o sono, o trabalho vai sair errado.

M: O sono profundo não é ignorância, é o estado puro do indivíduo; a vigília não é conhecimento, é ignorância. Há plena consciência no sono profundo e total ignorância na vigília. Sua verdadeira natureza abrange ambos e se estende além. O Ser está além do conhecimento e da ignorância. Os estados de sono profundo, sonho e vigília são apenas modulações que passam diante do Self: eles se sucedem, quer você esteja ciente deles ou não. Não estar ciente é o estado do *jnani*, em quem se passam os estados de *samadhi*, vigília, sonho e sono profundo, como os touros em movimento, imóveis, ou desatrelados, enquanto o passageiro está dormindo. Estas respostas se ajustam ao ponto de vista do *ajnani* (ignorante), caso contrário não iriam surgir tais questões.

D: Claro, elas não podem surgir para o Self. Quem estaria lá para perguntar? Mas, infelizmente, eu ainda não realizei o Self!

M: Esse é justamente o obstáculo em seu caminho. Você deve se livrar da idéia de que você é um *ajnani* e que ainda tem de realizar o Self. Você é o Self. Já houve um momento em que você não esteve ciente do Self?

D: Então, devemos viver as experiências no sono desperto... ou sonhando acordado?

M: (Risos).

D: Eu afirmo que o corpo físico do homem imerso em *samadhi*, como resultado da ininterrupta 'contemplação'² do Self, pode tornar-se imóvel por esse motivo. Pode estar ativo ou inativo. A mente estabelecida em tal 'contemplação' não vai ser afetada pelos movimentos do corpo ou dos sentidos; nem é a perturbação da mente precursora de atividade física. Enquanto outra pessoa afirma que a atividade física certamente impede o *samadhi* ou ininterrupta 'contemplação'. Qual a opinião de Bhagavan? Você é a prova viva de minha afirmação.

M: Vocês dois estão certos: Você se refere a *sahaja nirvikalpasamadhi* (estado natural de absorção no Ser) e a outra refere-se a *kevala nirvikalpasamadhi* (estado temporário de absorção no Ser). Neste último caso, a mente fica imersa na luz do Si (ao passo que a mente – não o Ser - está na escuridão da ignorância em sono profundo); e o sujeito faz uma distinção entre *samadhi* e atividade depois de sair do *samadhi*. Além disso, a atividade do corpo, da visão, das forças vitais e da mente e o conhecimento de objetos, todos esses são obstáculos para quem procura realizar *kevala nirvikalpa samadhi*.

²A palavra “contemplação” é frequentemente usada livremente como se referindo a um processo mental forçado, enquanto *samadhi* situa-se além do esforço. Contudo, na linguagem mística crista, “contemplação” é o sinônimo invariavelmente usado para *samadhi*, e é nesse sentido que a palavra está sendo usada acima.

No *sahaja samadhi*, contudo, a mente se dissolve no Self e se perde. As diferenças e obstruções acima mencionadas não existem, portanto, aqui. As atividades de tal ser são iguais à alimentação do sonolento menino, perceptíveis para um observador de fora, mas não para o próprio sujeito. O viajante que está dormindo profundamente na charrete não está cômico do movimento, porque sua mente está imersa na escuridão. Ao passo que o *sahaja jnani* permanece inconsciente de suas atividades físicas porque sua mente está morta, tendo sido dissolvida no êxtase de *chidananda* (bem-aventurança do Self).

Nota: A distinção entre os estados de sono profundo, *kevala nirvikalpa samadhi* e *sahaja nirvikalpa samadhi* pode ser claramente posta em forma de uma tabela feita por Sri Bhagavan:

Sono Profundo	<i>Kevala Samadhi</i>	<i>Nirvikalpa Samadhi</i>
1) Mente viva	1) Mente viva	1) Mente morta
2) Mergulhada no esquecimento	2) Mergulhada na Luz	2) Dissolvida no Self
	3) Como um balde atado a uma corda e deixado sob a água em um poço.	3) Como um rio que desaguou no oceano e perdeu a sua identidade.
	4) A ser puxado pela outra extremidade da corda.	4) O rio não pode ser direcionado de volta a partir do oceano.

A mente do sábio que realizou o Self é totalmente destruída. Está morta. Mas, para o observador externo, pode parecer que o sábio possui uma mente igual à

do leigo. Daí que o 'eu' no Sábio tem apenas uma aparente "realidade objetiva". Na verdade, no entanto, não tem nem existência subjetiva nem uma realidade objetiva

II - SILÊNCIO E SOLIDÃO

D: Um voto de silêncio é útil?

M: O silêncio interior é autoentrega. E isso é viver sem o sentido do ego.

D: A solidão é necessária para um *sannyasin* (renunciante)?

M: A solidão está na mente do homem. Um indivíduo pode estar na parte mais agitada do mundo e ainda assim manter perfeita serenidade de espírito; essa pessoa está sempre em solidão. Outro pode estar na floresta, mas ainda assim ser incapaz de controlar a sua mente. Não se pode dizer que está em solidão. A solidão é uma atitude da mente; um homem apegado às coisas da vida não pode experimentar a solidão, independentemente de onde esteja. Um indivíduo desapegado está sempre na solidão.

D: O que é o *Mauna* (silêncio)?

M: O estado que transcende a fala e o pensamento é *Mauna*; é meditação sem atividade mental. Subjugação da mente é meditação; meditação profunda é o discurso eterno. O silêncio é a fala ininterrupta, é o fluxo perene da "linguagem". Ele é interrompido pelo falar, porque as palavras obstruem essa 'linguagem' muda.

Palestras podem entreter as pessoas por horas sem torná-las melhores. O silêncio, por outro lado, é permanente e beneficia a toda a humanidade. . . por silêncio se entende eloquência. Palestras não são tão eloquentes quanto o silêncio. O silêncio é a eloquência incessante. . . é a melhor linguagem. Há um estado em que as palavras cessam e o silêncio prevalece.

D: Como então podemos comunicar nossos pensamentos um ao outro?

M: Isso se torna necessário se o senso de dualidade existir...

D: Por que *Bhagavan* (O Senhor) não sai e prega a Verdade ao povo em geral?

M: Como você sabe que eu não estou fazendo isso? Será que a pregação consiste em subir em uma plataforma e discursar para pessoas ao seu redor? A pregação é simples comunicação do conhecimento, que só pode realmente ser feita em silêncio. O que você acha de um homem que ouve um sermão durante uma hora e se vai sem que ele tenha lhe causado viva impressão, de forma a mudar a sua vida? Compare-o com outro, que se senta na presença sagrada e vai embora depois de algum tempo com a sua perspectiva sobre a vida totalmente mudada. Qual é o melhor, pregar em voz alta sem efeito ou sentar-se silenciosamente, irradiando força interior? Ou, ainda, como surge a

fala? Há o conhecimento abstrato, de onde surge o ego, que por sua vez dá origem ao pensamento, e o pensamento à palavra falada. Assim, a palavra é a bisneta da fonte original. Se a palavra pode produzir efeito, avalie por você mesmo quão mais poderoso deve ser o pregar por meio do silêncio! Mas as pessoas não entendem essa verdade pura e simples, a verdade de sua experiência diária, sempre presente, eterna. Essa verdade é a de Si Mesmo. Existe alguém que desconhece a Si Mesmo? Mas eles não gostam sequer de ouvir esta verdade, enquanto estão ansiosos para saber sobre o que está além, sobre céu, inferno e reencarnação.

Porque adoram o mistério e não a verdade, as religiões os atendem, para assim, finalmente, trazê-los de volta para o Self. Quaisquer que sejam os meios adotados, você deve finalmente retornar a Si Mesmo: então por que não permanecer em Si Mesmo aqui e agora? Para observar outro mundo, ou para especular sobre isso, o Self (Si Mesmo) é necessário; portanto, eles não são diferentes do Self. Mesmo o homem ignorante, quando vê os objetos, vê apenas Si Mesmo.

III - CONTROLE DA MENTE

D: Como posso controlar a mente?

M: Não há mente alguma para controlar se o Self é realizado. O Self brilha quando a mente desaparece. No homem realizado, a mente pode estar ativa ou inativa – só o Self existe. Pois mente, corpo e mundo não são separados do Self, e não podem subsistir fora do Self. Podem ser diferentes do Self? Quando se está cômico do Self, por que se deveria preocupar com essas sombras? Como elas afetam o Self?

D: Se a mente é apenas uma sombra, como, então, se faz para conhecer o Self?

M: O Self é o coração autoluminoso. A iluminação surge a partir do Coração e atinge o cérebro, que é a sede da mente. O mundo é visto com a mente, de modo que você vê o mundo pela luz refletida do Self. O mundo é percebido por um ato da mente. Quando a mente recebe a luz do Self, fica cômica do mundo; quando não recebe essa luz, não tem conhecimento do mundo.

Se se volta a mente para dentro, em direção à fonte da iluminação, o conhecimento objetivo cessa e o Self sozinho brilha como o Coração.

A lua brilha refletindo a luz do sol. Quando o sol se põe, a lua é útil para que os objetos sejam vistos. Quando o sol se levanta, ninguém precisa da lua, ainda que seu disco seja visível no céu. Assim também é com a mente e o Coração. A mente se torna útil por sua luz refletida. Ela é utilizada para que se vejam os objetos. Quando se volta a mente para dentro, ela mergulha na fonte da Iluminação, que brilha por Si Mesma, e a mente é, então, como a lua durante o dia.

Quando está escuro, uma lâmpada é necessária para fornecer luz. Quando o sol se levanta, porém, não há necessidade da lâmpada: os objetos se tornam visíveis. E para ver o sol, nenhuma lâmpada é necessária; é suficiente que você volte os olhos na direção do astro autoluminoso. De forma similar, com a mente: para ver os objetos, a luz refletida da mente é necessária; para ver o Coração, basta que a mente se volte para ele. Então a mente é irrelevante, e o Coração é autorefulgente.

D: Depois de deixar este *Ashram* (comunidade espiritual) em outubro, eu estava ciente da Presença que prevalece na companhia de Sri Bhagavan me envolvendo por cerca de dez dias. Durante todo o tempo, enquanto ocupado no meu trabalho, havia uma subcorrente dessa paz na unidade; era quase como a

dupla consciência que se experimenta enquanto meio adormecido durante uma palestra maçante. Então, ela desapareceu por completo, e as velhas tolices tomaram seu lugar.

O trabalho não deixa tempo para a meditação à parte. É suficiente lembrar-se constantemente "EU SOU", enquanto se trabalha?

M: (Após uma curta pausa). Se você fortalecer a mente, essa paz vai continuar por todo o tempo. Sua duração é proporcional à força da mente adquirida pela prática repetida. E uma mente assim é capaz de sustentar a corrente. Nesse caso, engajando-se ou não no trabalho, a corrente prossegue inafetada e ininterrupta. Não é o trabalho que dificulta, mas a idéia de que é você quem o realiza.

D: Uma meditação obstinada é necessária para o fortalecimento da mente?

M: Não, se você mantiver sempre presente a idéia de que não é trabalho seu. Inicialmente, é necessário um esforço para lembrar-se disso, mas, depois, torna-se natural e contínuo. O trabalho vai continuar por conta própria, e sua paz permanecerá intacta.

A meditação é a sua verdadeira natureza. Você a chama de meditação agora, porque há outros pensamentos a distraí-lo. Quando esses pensamentos são dissipados, você permanece só - isto é, no estado de meditação, livre de pensamentos; e essa é a sua natureza real, que você está tentando adquirir agora afastando outros pensamentos. Tal afastar de outros pensamentos é agora chamado de meditação. Mas quando a prática torna-se firme, a sua real natureza mostra-se como a verdadeira meditação.

D: Outros pensamentos surgem com mais força quando se tenta meditar

M: Sim, todos os tipos de pensamento surgem na meditação. É assim mesmo, pois o que está escondido em você é revelado. A menos que surja, como pode ser destruído? Os pensamentos surgem espontaneamente, por assim dizer, mas apenas para ser extintos, no devido tempo, fortalecendo, dessa forma, a mente.

D: Há momentos em que as pessoas e as coisas assumem uma forma vaga, quase transparente, como num sonho. O indivíduo deixa de observá-los como se estivessem fora, mas é passivamente consciente de sua existência, embora não ativamente consciente de qualquer tipo de individualidade. Existe uma profunda quietude na mente. É nesses momentos que se está pronto para mergulhar em Si Mesmo? Ou essa é uma condição doentia, resultante de auto-hipnose? Deve ser encorajada como produtora de paz temporária?

M: Há consciência junto com quietude na mente; é esse exatamente o estado a ser almejado. O fato de a questão ter sido formulada neste ponto, sem

perceber que se trata do Self, mostra que o estado não é constante, mas casual. A palavra "mergulhar" é apropriada quando há tendências para fora. Quando, portanto, a mente tem de ser trazida de volta e dirigida para dentro, há um mergulho sob a superfície das externalidades. Mas quando a tranquilidade prevalece, sem obstruir a Consciência, qual a necessidade de mergulho? Se esse estado não foi percebido como o Self, o esforço para fazê-lo pode ser chamado 'mergulho'. Neste sentido, pode-se considerar tal estado como apropriado para a realização ou mergulho. Assim, as duas últimas perguntas que você colocou não surgem.

D: A mente continua a sentir-se afeiçoada a crianças, possivelmente porque a forma de uma criança é muitas vezes usada para personificar o Ideal. Como essa preferência pode ser superada?

M: Atenha-se ao Self. Por que pensar em crianças e em suas reações a elas?

D: Esta terceira visita a Tiruvannamalai parece ter intensificado o sentimento de egoísmo em mim e tornou a meditação menos fácil. Será esta uma fase passageira, sem importância, ou um sinal de que eu devo evitar tais lugares de agora em diante?

M: Isso é imaginário. Este lugar ou outro está dentro de você. Tais imaginações devem terminar, pois lugares como esses nada têm a ver com as atividades da mente. Os ambientes à sua volta não são, também, apenas uma questão de sua escolha individual, pois eles estão lá, como um fato natural, e você deve elevar-se acima deles e não ficar enredado neles.

(Um menino de oito anos e meio sentou-se no saguão por volta das cinco horas da tarde, quando Sri Bhagavan subiu a Montanha. Enquanto Bhagavan esteve ausente, o menino falou sobre yoga e Vedanta em linguagem Tâmil pura, simples e literária, citando livremente as palavras de santos e as Sagradas Escrituras. Quando Sri Bhagavan entrou no saguão, depois de quase três quartos de hora, só o silêncio prevalecia. Durante os 20 minutos em que o menino sentou-se na presença de Sri Bhagavan, ele não falou uma palavra, mas apenas o esteve contemplando fixamente. Então lágrimas escorreram de seus olhos. Ele as enxugou com a mão esquerda e logo após deixou o local dizendo que ainda aguarda a autorrealização).

D: Como devemos explicar as extraordinárias características do menino?

M: As características de seu último nascimento estão fortes nele. Mas, por mais fortes que sejam, elas não se manifestam a não ser em uma mente calma, quieta. Faz parte da experiência de todos que as tentativas de recordar alguma coisa às vezes falha, enquanto a lembrança se apresenta de súbito quando a mente está calma e tranquila.

D: Como podemos tornar a mente rebelde calma e serena?

M: Percebendo a fonte da mente, para que ela possa desaparecer, ou realizando a autoentrega, para que ela possa ser abatida. A autoentrega é o mesmo que o autoconhecimento, e qualquer um deles implica, necessariamente, autocontrole. O ego se submete apenas quando reconhece o Poder Superior.

D: Como posso escapar de *samsara* (ciclo de nascimentos e mortes, processo da vida no mundo), que parece ser a causa real da inquietude da mente? A renúncia não é um meio eficaz para se obter a tranquilidade da mente?

M: O *samsara* existe apenas em sua mente. O mundo não se manifesta dizendo: "Aqui estou eu, o mundo". Se o fizesse, estaria sempre lá, tornando a sua presença percebida por você mesmo em seu sono profundo. Uma vez, contudo, que ele não aparece no sono profundo, ele é impermanente. Sendo impermanente, falta-lhe substância. Não tendo realidade alguma à parte do Self, é facilmente subjugado por esse. Apenas o Self é permanente. Renúncia é a não identificação de Si-Mesmo com o não Si-Mesmo. Quando a ignorância que identifica o Self com o não Self é removida, o não Self deixa de existir, e essa é a verdadeira renúncia.

D: Não podemos realizar ações sem apego mesmo na ausência de tal renúncia?

M: Apenas um *atma jnani* (conhecedor de si mesmo) pode ser um bom *karma yogi* (indivíduo não apegado a suas ações).

D: O Bhagavan condena a filosofia *dvaita* (dualista)?

M: A *Dvaita* (dualidade) pode subsistir apenas quando você identifica o Self com o não-Self. *Advaita* (não-dualidade) é não-identificação.

IV - BAKTHIE JNANA

D: *Sri Bhagavata* (texto sagrado centrado na vida de Krishna) descreve uma maneira de encontrar Krishna no coração pelo prostrar-se a todos e vendo a todos como o próprio Senhor. É este o caminho certo que leva à autorrealização? Não é mais fácil adorar assim *Bhagavan*, em tudo o que aparece para a "mente", do que investigar o que se acha além por meio da inquirição mental "Quem sou eu?".

M: Sim, quando você vê Deus em tudo, você pensa em Deus ou não? Você certamente deve pensar em Deus para ver Deus em tudo à sua volta. Manter Deus em sua mente torna-se *dhyana* (meditação, atenção) e *dhyana* é a fase anterior à Realização. A Realização só pode ser do Self e no Self. Ela nunca pode se dar à parte do Self, e *dhyana* deve precedê-la. Quer você pratique *dhyana* em Deus ou no Self, isso é irrelevante, pois o objetivo é o mesmo. Você não pode, por meio algum, escapar do Self. Você deseja ver Deus em tudo, mas não em si mesmo? Se *tudo* é Deus, você não está incluído nesse *tudo*? Sendo Deus você mesmo, é surpreendente que tudo seja Deus? Esse é o método aconselhado no *Sri Bhagavata*, e em outros textos. Mas, mesmo para essa prática, deve haver aquele que vê ou pensador. Quem é ele?

D: Como ver Deus, que é onipresente?

M: Ver Deus é ser Deus. Não há "tudo" à parte de Deus para que Ele possa impregnar. Só há Ele.

D: Devemos ler o *Gita* (*Bhagavad Gita*, escritura sagrada) de vez em quando?

M: Sempre.

D: Qual é a relação entre *jnana* (sabedoria) e *bhakti* (devoção)?

M: O estado natural, ininterrupto e atemporal, de permanecer no Self é *jnana*. Para permanecer no Self você deve amar o Self. Uma vez que Deus é, na verdade, o Self, o amor do Self é o amor de Deus, e isso é *bhakti*. *Jnana* e *bhakti* são, assim, uma coisa só.

D: Ao fazer *nama japa* (repetição do nome de Deus) por uma hora ou mais, eu caio em um estado igual ao sono profundo. Ao acordar, lembro-me de que minha prática foi interrompida. Então, tento de novo.

M: 'Igual ao sono profundo' - correto. É o estado natural. Porque você está agora associado ao ego, você considera que o estado natural é algo que interrompe a sua prática. Então, você deve ter a experiência repetida até que perceba que esse é o seu estado natural. Então você vai achar que já não há propósito em praticar *japa*, mas, ainda assim, ela vai continuar

automaticamente. Sua dúvida atual é devida a essa falsa identidade, ou seja, de identificar-se com a mente que pratica *japa*. *Japa* significa aderir a um pensamento com a exclusão de todos os outros. Esse é o seu propósito. Isso leva a *dhyana*, que termina em autorrealização ou *jnana*.

D: Como devo proceder em *nama japa*?

M: Não se deve usar o nome de Deus mecânica e superficialmente, sem o sentimento de devoção.

Para usar o nome de Deus, deve-se invocá-lo com sentimento de urgência e, sem reservas, entregar-se a Ele. Somente após essa entrega o nome de Deus permanece constantemente com o homem.

D: Qual, então, a necessidade de inquirição ou *vichara* (investigação)?

M: A entrega só pode ser efetiva quando realizada com pleno conhecimento sobre o que realmente significa a rendição. Tal conhecimento vem depois de investigação e reflexão e termina invariavelmente na autoentrega. Não há diferença entre *jnana* e entrega absoluta ao Senhor, isto é, em pensamento, palavra e ação. Para ser completa, a renúncia deve ser sem questionamentos, o devoto não pode barganhar com o Senhor ou demandar favores de Suas mãos. Tal entrega completa engloba tudo, é *jnana* e *vairagya* (desapego, indiferença às atrações materiais), devoção e amor.

V - SI MESMO E INDIVIDUALIDADE

D: A morte não dissolve a individualidade de uma pessoa, de modo que não haja renascimento, assim como os rios que desaguam no mar perdem suas individualidades?

M: Mas quando as águas evaporam e retornam como chuva nas colinas, uma vez mais elas fluem na forma de rios e desaguam no oceano; assim também, as individualidades, durante o sono profundo, perdem a sua separatividade e, contudo, retornam como indivíduos de acordo com seus *samskaras* (impressões que continuam de vidas anteriores) ou tendências latentes. Da mesma forma, a individualidade da pessoa com *samskaras* não está perdida.

D: Como pode ser isso?

M: Veja como uma árvore, cujos galhos foram cortados, cresce novamente. Assim, desde que as raízes da árvore permaneçam intactas, a árvore continuará a crescer. Da mesma forma, os *samskaras* que foram apenas imersos no coração, na morte, mas não pereceram por essa razão, ocasionam renascimento, no momento certo; e é assim que os seres individuais renascem.

D: Como é que os inumeráveis seres individuais e o vasto universo, cuja existência é correlativa com a dos *jivas*, brotam a partir desses *samskaras* sutis soterrados no coração?

M: Assim como as grandes árvores Banyan brotam a partir de uma pequena semente, assim os *jivas* e todo o universo com nome e forma brotam dos *samskaras* sutis.

D: Como é que emana individualidade do Absoluto Self, e como o seu retorno se torna possível?

M: Como uma centelha provém do fogo, a individualidade emana do Ser Absoluto. A centelha é chamada de ego. No caso do *Ajnani*, o ego identifica-se com algum objeto, simultaneamente com o seu surgimento. Ele não pode permanecer sem essa associação com objetos. Essa associação é devida a *ajnana*, cuja destruição é o objetivo do empenho do indivíduo. Se esta tendência de identificar-se com os objetos é destruída, o ego torna-se puro e, em seguida, ele também se funde com a sua fonte.

A falsa identificação de si mesmo com o corpo é *dehatma-buddhi*, ou a idéia "eu-sou-o-corpo". Isso tem de desaparecer, antes de se seguirem bons resultados.

D: Como faço para erradicá-la?

M: Você existe em *sushupti* (sono profundo) sem estar associado com o corpo e a mente, mas nos outros dois estados você está associado com eles. Se você fosse um com o corpo, como você poderia existir sem o corpo em *sushupti*? Você pode separar-se do que é externo a você, mas não do que é uno com você. Assim, o ego não pode ser uno com o corpo. Isso deve ser percebido no estado de vigília. Os três estados são estudados a fim de se obter esse conhecimento

D: Como pode o ego, que se limita a dois estados, diligenciar para perceber isso que engloba todos os três estados?

M: O ego em sua pureza é experimentado nos intervalos entre dois estados ou entre dois pensamentos. O ego é como uma lagarta que deixa um apoio apenas depois que se agarra a outro. Sua verdadeira natureza é conhecida quando ele está fora de contato com objetos ou pensamentos. Você deve perceber esse intervalo como a realidade atemporal, imutável, seu verdadeiro Ser, por meio da convicção adquirida pelo estudo dos três estados, *jagrat* (vigília), *svapna* (sono com sonhos) e *sushupti* (sono profundo, sem sonhos).

D: Eu não posso permanecer em *sushupti* durante o tempo que eu quiser, e também estar nele quando quiser, assim como eu estou no estado de vigília? Qual é a experiência do *jnani* desses três estados?

M: O sono profundo existe em seu estado de vigília também. Você está em *sushupti* mesmo agora. Deve-se adentrar nele conscientemente e chegar nesse estado exatamente na vigília. Não há realmente um entrar e sair dele. Estar cômico de *sushupti* no estado *jagrat* é *jagrat–sushupti*, e isso é *samadhi*.

O *Ajnani* não pode permanecer muito tempo em *sushupti*, porque ele é forçado por sua natureza a emergir dele. Seu ego não está morto e vai ressurgir vezes sobre vezes. Mas o *jnani* esmaga o ego na sua fonte. Esse pode parecer emergir, ocasionalmente, no seu caso também, como se impelido pelo *prarabdha*. Isto é, também no caso do *jnani*, para todos os propósitos externos, o *prarabdha* parece sustentar ou manter o ego, como no caso do *Ajnani*; mas há essa diferença fundamental: o ego do *Ajnani* quando surge (no seu caso, realmente, ele só desaparece no sono profundo) é totalmente ignorante de sua fonte: em outras palavras, o *Ajnani* não tem conhecimento de seu *sushupti* nos estados de sonho e vigília; no caso do *jnani*, pelo contrário, o surgimento ou a existência do ego é somente aparente, e ele goza de sua experiência ininterrupta, transcendental, a despeito de tal aparente surgimento ou existência do ego, mantendo a sua atenção (*lakshya*) sempre na Fonte. Esse ego é inofensivo; é apenas como o esqueleto de uma corda incinerada - embora com uma forma, é inútil para amarrar qualquer coisa. Ao se manter constantemente a atenção na Fonte, o ego é dissolvido nessa Fonte como um boneco de sal lançado ao mar.

D: Qual é o significado da crucificação?

M: O corpo é a cruz. Jesus, o filho do homem, é o ego ou a idéia "eu-sou-o-corpo". Quando o filho do homem é crucificado no corpo (a cruz), o ego perece, e o que sobrevive é o Ser Absoluto. É a ressurreição do glorioso Si Mesmo, do Cristo - o Filho de Deus.

D: Mas como se justifica a crucificação? Matar não é um crime terrível?

M: Todo mundo está cometendo suicídio. O estado atemporal, bem-aventurado, natural, tem sido sufocado por essa vida de ignorância. Dessa forma, a vida atual resulta do matar o eterno, a existência positiva. Não é realmente um caso de suicídio? Então, por que se preocupar com matar, etc.?

D: Sri Ramakrishna diz que *nirvikalpa samadhi* não pode durar mais do que 21 dias; se persistir, a pessoa morre. Trata-se de um fato?

M: Quando o *prarabdha* está esgotado, o ego é completamente dissolvido, sem deixar qualquer vestígio atrás. Esta é a libertação final (*nirvana* = sem vir-a-ser). A não ser que o *prarabdha* esteja esgotado, o ego vai surgir, como parece acontecer no caso de *jivanmuktas* (liberados enquanto ainda no corpo).

VI - AUTO-REALIZAÇÃO

D: Como posso alcançar a autorrealização?

M: Realização não é nada de novo a ser ganho; já está lá. Tudo o que é necessário é se livrar do pensamento 'eu não realizei'.

Quietude ou a paz é Realização. Não existe um momento em que Si Mesmo não esteja. Enquanto houver dúvida ou a sensação de não realização, a tentativa deve ser feita para livrar-se desses pensamentos. Eles são devidos à identificação do Si-Mesmo com o não-Si-Mesmo. Quando o não-Si-Mesmo desaparece, apenas o Si-Mesmo permanece. Para criar espaço, é suficiente que o atulhamento seja removido; o espaço não é trazido de outros lugares.

D: Uma vez que a realização não é possível sem *vasanakshaya* (destruição das tendências latentes), como posso realizar o estado em que as *vasanas* são efetivamente destruídas?

M: Você está nesse estado agora!

D: Isso significa que, atendo-me ao Self, as *vasanas* devem ser destruídas assim que apareçam?

M: Elas se destruirão se você permanecer como você é.

D: Como posso alcançar o Self?

M: Não há alcançar o Self. Se fosse para ser alcançado, isso significaria que o Self não está aqui e agora, mas que ainda está para ser obtido. O que é obtido como novo, também será perdido. Assim, será impermanente. Não vale a pena lutar pelo que não é permanente. Então, digo, não se alcança o Self. Você é o Self; você já é Isso.

O fato é que você é ignorante de seu estado bem-aventurado. A ignorância sobrevém e lança um véu sobre o puro Si-Mesmo, que é bem-aventurança. As tentativas são feitas tão somente para remover o véu da ignorância, que é apenas conhecimento errôneo. O conhecimento errôneo é a falsa identificação do eu com o corpo, a mente, etc. Esta identificação falsa tem de desfazer-se, e então apenas o Si-Mesmo permanece. Portanto, a realização é para todos; a realização não faz diferença entre os aspirantes. A própria dúvida sobre sua capacidade de realizar e a noção de "eu não realizei" são, elas próprias, obstáculos. Livre-se desses obstáculos também.

D: Qual a finalidade do *samadhi*, e pode o pensamento subsistir então?

M: Apenas o *samadhi* pode revelar a verdade. Os pensamentos lançam um véu sobre a realidade, e, por isso, ela não é percebida como tal em outros estados distintos do *samadhi*.

Em Samadhi há apenas o sentimento "EU SOU" e não há pensamento algum. A experiência do "EU SOU" é estar em quietude.

D: Como posso repetir a experiência de samadhi ou a quietude que consigo aqui?

M: Sua atual experiência é devida à influência da atmosfera em que você se encontra. Você pode tê-la fora dessa atmosfera? A experiência é intermitente. Até que se torne permanente, a prática é necessária.

D: Têm-se, por vezes, vívidos lampejos de uma consciência cujo centro está fora do eu normal, e que parece ser totalmente includente. Sem nos envolvermos com conceitos filosóficos, como é que Bhagavan aconselha-me a trabalhar no sentido de obter, manter e ampliar esses raros lampejos? Será que a *abhyasa* (prática espiritual) em tal experiência envolve retiro?

M: *Está fora!* Para quem existe dentro ou fora? Eles só podem existir enquanto houver o sujeito e o objeto. Mais uma vez, para quem existem esses dois? Investigando, você vai descobrir que eles se resumem apenas ao sujeito. Veja quem é o sujeito, e essa investigação leva você à pura Consciência além do sujeito.

O "eu" normal é a mente. Essa mente existe com limitações. Mas a consciência pura está além das limitações, e é atingida por meio da investigação como anteriormente descrito.

Obtenção: O Self está sempre lá. Você só tem de remover o véu que obstrui a revelação do Ser.

Retenção: Quando você realiza o Self, ele se torna sua experiência direta e imediata. Ele nunca é perdido.

Extensão: não há extensão alguma do Self, pois ele é sempre idêntico, sem se contrair ou se expandir.

Retiro: Permanecer no Ser é solidão. Porque não há coisa alguma exterior ao Self. O retiro tem de ser de um lugar ou estado a outro. Não existe nem um nem o outro à parte do Self. Tudo sendo o Self, o retiro é impossível e inconcebível.

Abhyasa é só a prevenção do distúrbio à paz inerente. Você está sempre em seu estado natural, quer faça *abhyasa* ou não... permanecer como você é, sem dúvidas ou questionamentos, é o seu estado natural.

D: Ao realizar o *samadhi*, não se obtêm *siddhis* (poderes ocultos) também?

M: Para que os *siddhis* sejam exibidos, deve haver outros indivíduos para reconhecê-los. Isso significa que não existe *jnâna* em quem os exhibe. Portanto, os *siddhis* não valem a pena. Apenas *jnana* deve ser almejada e obtida.

D: A minha realização ajuda os outros?

M: Sim, e é a melhor ajuda que você pode prestar aos outros. Aqueles que descobriram grandes verdades o fizeram nas profundezas tranquilas de Si Mesmo. Mas realmente não há 'outros' para serem ajudados. Pois, o ser realizado vê apenas o Self, assim como o ourives vê apenas o ouro enquanto o avalia em várias jóias feitas desse material.

Quando você se identifica com o corpo, o nome e a forma estão lá. Mas quando você transcende a consciência do corpo, os "outros" também desaparecem. O realizado não vê o mundo como diferente de si mesmo.

D: Não seria melhor se os santos se misturassem com os outros?

M: Não há 'outros' com quem se misturar. O Self é a única realidade.

D: Eu não deveria tentar ajudar o mundo sofredor?

M: O Poder que o criou fez o mesmo com o mundo. Se ele pode cuidar de você, pode igualmente cuidar do mundo... se Deus criou o mundo, é trabalho dele cuidar do mundo, não seu.

D: Não é nosso dever ser patriotas?

M: Seu dever é *ser* e não ser isso ou aquilo. "EU SOU ESSE EU SOU" resume toda a verdade; o método está sintetizado em 'aquiete-se'.

E o que a quietude significa? Significa "destruir a si mesmo"; porque todo nome e forma é a causa do problema. "Eu-Eu" é o Self. "Eu sou isso e aquilo" é o ego. Quando o "eu" é mantido apenas como o "eu", ele é o Self. Quando sai pela tangente e diz 'eu sou isso ou aquilo, eu sou tal e tal', é o ego.

D: Quem é Deus então?

M: O Self é Deus. "EU SOU" é Deus. Se Deus está à parte do Self, ele tem de ser um Deus sem Si-Mesmo, o que é absurdo. Tudo o que é necessário para realizar o Self é estar quieto. O que pode ser mais fácil do que isso? Daí que o *atma vidya* (conhecimento de si mesmo) é o mais fácil de obter.

VII - O GURU E SUA GRAÇA

D: O que é guru *Kripa* (a graça do guru)? Como ela conduz à autorrealização?

M: Guru é o Self. Às vezes, um indivíduo se torna insatisfeito com sua vida e, descontente com o que ele tem, busca a satisfação de seus desejos por meio da oração a Deus, etc. Sua mente gradualmente se purifica até que ele anseia por conhecer a Deus, mais para obter Sua graça que para satisfazer desejos mundanos. Em seguida, a graça de Deus começa a se manifestar. Deus toma a forma de um Guru e aparece ao devoto, ensina-lhe a verdade e, além disso, purifica sua mente pela associação. A mente do devoto ganha força e é então capaz de voltar-se para dentro. Através da meditação, torna-se ainda mais purificada e permanece sem a menor ondulação. Essa calma vastidão é o Self.

O Guru é tanto 'externo' quanto 'interno'. Do 'exterior', ele dá um empurrão para que a mente se volte para dentro; do 'interior' ele puxa a mente para o Self e auxilia para que ela se aquiete. Isso é *guru kripa*. Não existe diferença entre Deus, Guru e o Self.

D: Na Sociedade Teosófica, eles meditam a fim de buscar os mestres para guia-los.

M: O Mestre é interno. A meditação é feita para remover a idéia ignorante de que só existe externamente. Se ele é um estranho que você espera, está fadado a desaparecer também. Qual a utilidade de um ser transitório como esse? Mas enquanto você pensar que é separado, ou que você é o corpo, o mestre 'externo' também será necessário, e ele vai aparecer como possuindo um corpo. Quando a identificação errônea de si mesmo com o corpo cessar, o Mestre será visto como nenhum outro senão si mesmo.

D: Será que o Guru nos auxiliará a conhecer o Self por meio da iniciação, etc.?

M: O Guru lhe toma pela mão e sussurra em seu ouvido? Você pode imaginá-lo ser o que você mesmo é. Porque você pensa que está com um corpo, imagina que ele também tem um corpo para fazer alguma coisa tangível por você. Seu trabalho se processa internamente, no reino espiritual.

D: Como é que o Guru encontrado?

M: Deus, que é imanente, em Sua graça tem piedade do devoto amoroso e manifesta-se de acordo com o desenvolvimento dele. O devoto pensa que Ele é uma pessoa e espera interajam como dois corpos físicos. Mas o Guru, que é Deus, ou o Self encarnado, atua a partir de dentro, ajuda-o a ver o erro em suas atitudes e guia-o no caminho certo até que ele perceba o Self interior.

D: O que deve fazer então o devoto?

M: Ele tem apenas de agir de acordo com as palavras do Mestre e trabalhar interiormente. O Mestre está tanto "dentro" quanto 'fora'. Assim, ele cria condições para conduzi-lo ao interior e, ao mesmo tempo, prepara o "interior" para puxá-lo para o Centro. Dessa forma, ele dá um empurrão de 'fora' e exerce uma atração a partir de 'dentro', para que você se fixe no Centro.

Você acha que o mundo pode ser conquistado por seus próprios esforços. Quando se frustra externamente e é impelido para dentro, você sente "Oh! há um poder superior ao homem".

O ego é como um elefante muito poderoso, que não pode ser mantido sob controle por nada menos poderoso do que um leão, que, neste exemplo, não é outro senão o Guru, cuja figura é suficiente para fazer o ego, símile do elefante, tremer e morrer.

Você saberá, no momento oportuno, que a sua glória reside ali onde você deixa de existir. A fim de obter esse estado, você deve render-se. Então o Mestre vê que você está em um estado adequado para receber orientação, e ele lhe guia.

D: Como pode o silêncio do Guru que não dá iniciação alguma, nem realiza qualquer outro ato tangível, ser mais poderoso que a Sua palavra, etc.? Como tal silêncio pode ser melhor do que o estudo das escrituras?

M: O silêncio é a forma mais potente de trabalho. A despeito de quão vastas e enfáticas as escrituras possam ser, elas falham em sua influência. O Guru é silencioso e a Graça predomina. Esse silêncio é mais vasto e mais enfático que todas as escrituras juntas.

D: Mas o devoto pode obter a felicidade?

M: O devoto se rende ao Mestre e isso significa que não há vestígio algum de individualidade retida por ele. Se a entrega for completa, todo o senso de "eu" se perde, e então não pode haver sofrimento ou tristeza.

O Ser eterno não é coisa alguma, a não ser a felicidade. Isso vem como uma revelação.

D: Como posso obter a Graça?

M: A graça é o Self. Não é também para ser adquirida; você só precisa saber que ela existe.

O sol é luminosidade apenas. Ele não vê escuridão. Contudo, você fala das trevas fugindo à aproximação do sol. Assim também a ignorância do devoto, como o fantasma da escuridão, desaparece com o olhar do Guru. Você é cercado pela luz solar; ainda assim, se quiser ver o sol, deve voltar-se em sua

direção e contemplá-lo. Da mesma forma, a Graça também é encontrada pela forma adequada de aproximar-se, embora esteja aqui e agora.

D: A Graça não pode acelerar a maturação no buscador?

M: Deixe tudo para o Mestre. Renda-se a ele sem reservas. Uma das duas coisas deve ser feita: render-se, porque você percebe sua insuficiência e precisa da ajuda de uma força maior para auxiliá-lo; ou investigar a causa do sofrimento, ir à fonte e, assim, fundir-se no Self. De uma maneira ou da outra, você estará livre do sofrimento. Deus ou Guru nunca abandona o devoto que se rendeu.

D: Qual é o significado de prostração ao Guru ou Deus?

M: A prostração significa o desaparecimento do ego, e isso significa fundir-se na Fonte. Deus ou Guru não pode ser enganado por genuflexões, reverências e prostrações. Ele vê se o ego está ali ou não.

D: O *Bhagavan* não vai me dar um pouco do *Prasad* (alimento consagrado) de sua folha como um sinal de Sua Graça?

M: Alimente-se sem pensar no ego. Então, o que você come torna-se o *Prasad* de Bhagavan.

D: Não é o homem letrado melhor qualificado para o esclarecimento, no sentido de que ele não necessita da graça do guru?

M: Mesmo um homem culto deve curvar-se perante o sábio iletrado. A falta de instrução é ignorância e a educação é ignorância ilustrada. Em ambos os casos, há ignorância do verdadeiro objetivo. O sábio é ignorante de outra forma. Ele é ignorante porque não há "outro" para ele.

D: Não é para obter a Graça do Guru que presentes são oferecidos a ele? Portanto, os visitantes oferecem presentes para Bhagavan.

M: Por que trazem presentes? Eu os quero? Mesmo se eu me recusar, eles atiram os presentes em mim! Para quê? Não é como lançar uma isca para pegar o peixe? Está o pescador ansioso para alimentar o peixe? Não, ele está ansioso para alimentar-se dele!

D: A idéia teosófica de ministrar sucessivas iniciações antes de se atingir *moksha* (liberação) é verdadeira?

M: Aqueles que atingem *moksha* em uma vida devem ter passado por todas as iniciações em suas vidas anteriores.

D: A Teosofia diz que os *jnanis*, após a morte, têm de escolher entre quatro ou cinco linhas de trabalho, não necessariamente neste mundo. Qual é a opinião de Bhagavan?

M: Alguns podem retomar o trabalho, mas não todos.

D: Você está consciente de uma irmandade de *Rishis* (sábios) invisíveis?

M: Se invisíveis, como você pode vê-los?

D: Na consciência.

M: Não há coisa alguma externa na consciência.

D: Eu posso percebê-los?

M: Se você perceber a sua própria realidade, então a dos *Rishis* e Mestres se tornará clara para você. Só há um Mestre, que é o Self.

D: A reencarnação é uma verdade?

M: A reencarnação existe apenas enquanto há ignorância.

Não há realmente reencarnação alguma, absolutamente, seja agora, seja antes. Nem haverá no futuro. Esta é a verdade.

D: Pode um *yogi* conhecer suas vidas passadas?

M: Você conhece a vida presente de tal forma que deseja saber o passado? Encontre o presente, então o resto se seguirá. Mesmo com o nosso presente conhecimento limitado, você sofre tanto; por que você deve sobrecarregar-se com mais conhecimento? É para sofrer mais?

D: O Bhagavan utiliza poderes ocultos para fazer os outros perceberem o Ser, ou o simples fato da realização de Bhagavan é suficiente para isso?

M: A força espiritual da autorrealização é muito mais poderosa do que o uso de todos os poderes ocultos. Na medida em que não existe ego no sábio, não existem 'outros' para ele. Qual o maior benefício que pode ser conferido a você? É a felicidade, e a felicidade nasce da paz. A paz pode reinar apenas onde não há perturbação, e a perturbação é devida aos pensamentos que surgem na mente. Quando a própria mente está ausente, há paz perfeita. A menos que a pessoa tenha aniquilado a mente, ela não pode ganhar a paz e ser feliz. E a menos que ela própria seja feliz, não pode conferir felicidade aos "outros". Uma vez que, no entanto, não há "outros" para o sábio que não tem mente, o simples fato de sua autorrealização é, em si, suficiente para fazer felizes os 'outros'.

VIII - PAZ E FELICIDADE

D: Como posso conseguir a paz? Parece que não consigo obtê-la por meio de *vichara*.

M: A paz é o seu estado natural. É a mente que obstrui o estado natural. Sua *vichara* tem sido feita apenas na mente. Investigue o que a mente é, e ela vai desaparecer. Não existe tal coisa como “mente” à parte do pensamento. No entanto, por causa do surgimento do pensamento, você supõe algo a partir do qual ele aparece e nomeia a isso “mente”. Quando você sonda para ver o que ela é, você descobre que realmente não existe tal coisa como “mente”. Quando, dessa forma, a mente evanesce, você percebe a paz eterna.

D: Por meio da poesia, da música, *japa*, *bhajana*, da visão de belas paisagens, da leitura de versos de natureza espiritual, etc., se experimenta, às vezes, um sentido verdadeiro de total unidade. Esse sentimento de profunda e bem-aventurada quietude (em que o eu pessoal não tem lugar) é o mesmo que o mergulhar no coração de que *Bhagavan* fala? A prática desse estado levará a um *samadhi* mais profundo e, por fim, a uma visão completa do Real?

M: Há felicidade quando coisas agradáveis são apresentadas à mente. Essa felicidade é inerente ao Ser, e não existe, de forma alguma, outra felicidade. E não se trata de coisa estranha e longínqua. Você está mergulhado no Self nessas ocasiões que você considera prazerosas; esse mergulho tem como resultado a felicidade autoexistente. Mas a associação de idéias é responsável por impingir a crença de que a felicidade se encontra em outras coisas ou acontecimentos, quando, na verdade, essa bem-aventurança se encontra dentro de você. Nessas ocasiões você está mergulhando no Si Mesmo, embora inconscientemente. Se você faz isso conscientemente, com a convicção que vem da experiência de que você é idêntico à felicidade que é, na verdade, Si Mesmo, a Realidade única, você o chama de Realização. Quero que você mergulhe conscientemente em Si Mesmo, isto é, no coração.

EVANGELHO DE MAHARISHI

LIVRO II

I - AUTO-INVESTIGAÇÃO

Discípulo: O que fazer para realizar o Si Mesmo?

Maharshi: O Si Mesmo de quem? Descubra.

D: Meu, mas quem sou eu?

M: Descubra você mesmo.

D: Eu não sei como.

M: Basta pensar sobre a questão. Quem é que diz: "Eu não sei"? Quem é o "eu" em sua declaração? O que não é conhecido?

D: Alguém ou alguma coisa em mim.

M: Quem é esse alguém? Em quem?

D: Talvez algum poder.

M: Descubra.

D: Por que eu nasci?

M: Quem nasceu? A resposta é a mesma para todas as suas perguntas.

D: Quem sou eu, então?

M: (sorrindo.) Você veio para me arguir? Você deve dizer quem você é.

D: Por mais que eu tente, não parece que eu consiga pegar o 'eu'. Ele nem sequer é claramente perceptível.

M: Quem é que diz que o "eu" não é perceptível? Há dois 'eus' em você, um que não é perceptível para o outro?

D: Em vez de perguntar "Quem sou eu?", posso perguntar a mim mesmo 'Quem é você?', pois assim, então, a minha mente pode ser fixada em você, que eu considero ser Deus na forma de Guru? Eu estaria mais perto do objetivo da minha busca com essa investigação do que perguntando a mim mesmo 'quem sou eu?'.

M: Qualquer que seja a forma adotada sua investigação, você deve ao final chegar ao eu único, o Si Mesmo.

Todas estas distinções feitas entre "eu" e "você", mestre e discípulo, etc., são apenas um sinal da ignorância do indivíduo. Só há o Eu Supremo. Pensar de outra maneira é enganar a si mesmo.

A história purânica (Puranas-Escrituras Sagradas) do sábio Ribhu e de seu discípulo Nidagha é particularmente instrutiva nesse contexto.

Embora Ribhu ensinasse a seus discípulos a suprema Verdade de que só há *Brahman* (o absoluto), sem que haja outro, Nidagha, a despeito de sua erudição e compreensão, não ficou suficientemente convencido para adotar e seguir o caminho da *jnana*, mas estabeleceu-se em sua cidade natal para levar uma vida dedicada à observância da religião cerimonial.

O Sábio, porém, amava o seu discípulo tão profundamente quanto este venerava seu Mestre. Apesar de ser idoso, Ribhu ia ver o seu discípulo na cidade, só para acompanhar o quanto o último havia superado seu ritualismo. Às vezes, o Sábio ia disfarçado, para que pudesse observar como Nidagha agiria sem saber que estava sendo observado por seu Mestre.

Em uma dessas ocasiões, Ribhu, que havia se disfarçado de um rústico camponês, encontrou Nidagha assistindo atentamente a um cortejo real. Não sendo reconhecido pelo morador da cidade, Nidagha, o rústico camponês perguntou-lhe que agitação toda era aquela, e lhe foi respondido que o rei saía em procissão.

"Oh! É o rei. Ele está saindo em procissão! Mas, onde está ele?", perguntou o rústico.

"Lá, no elefante", disse Nidagha.

"Você diz que o rei está no elefante. Sim, vejo os dois", disse o rústico, "Mas, qual deles é o rei e qual o elefante?"

"O quê?", exclamou Nidagha: "Você vê os dois, mas não sabe que o homem em cima é o rei e o animal em baixo é o elefante? Qual a utilidade de se conversar com alguém como você?"

"Por favor, suplico-lhe, não seja impaciente com um homem ignorante como eu", disse o rústico. "Mas, você disse 'em cima' e 'em baixo': o que essas palavras significam?"

Nidagha não aguentou mais. "Você vê o rei e o elefante, um em cima e o outro em baixo. No entanto, você quer saber o que se entende por "em cima" e "em baixo"?", explodiu Nidagha. "Se as coisas vistas e as palavras proferidas podem transmitir tão pouco a você, apenas a ação pode lhe ensinar. Curve o corpo, e você vai saber muito bem".

O rústico fez o que lhe foi dito. Nidagha subiu em seus ombros e disse: "Saiba agora! Eu estou em cima, como o rei, e você está embaixo, como o elefante. Isso está suficientemente claro?"

"Não, ainda não", foi a calma resposta do rústico. "Você diz que você está em cima, como o rei, e eu estou em baixo, como o elefante. O 'rei', o 'elefante', 'em

cima' e 'em baixo', até aqui está claro. Mas, rogo-lhe, diga-me o que você quer dizer com 'eu' e 'você'?"

Quando Nidagha foi assim confrontado, repentinamente, com o extraordinário desafio de definir o 'você' à parte do 'eu, a luz despontou em sua mente. Imediatamente ele saltou dos ombros e caiu aos pés do seu mestre, dizendo:

"Quem mais, senão o meu Venerável Mestre Ribhu, poderia ter trazido assim a minha mente das superficialidades da existência física para o verdadeiro ser do Si Mesmo? Oh, Mestre benigno, eu imploro as suas bênçãos".

Portanto, quando o seu objetivo é transcender aqui e agora essas superficialidades da existência física por meio de *atma vichara*, que espaço há para fazer as distinções entre 'você' e 'eu', que dizem respeito apenas ao corpo? Quando você volta a mente para dentro, buscando a fonte do pensamento, onde está o 'você' e onde está o "eu"?

Você deve investigar e ser o Si Mesmo, que inclui a todos.

D: Mas não é engraçado que o "eu" deva sair em busca do "eu"? A investigação "Quem sou eu?" não se transforma, ao final, em uma fórmula vazia? Ou devo colocar a questão para mim incessantemente, repetindo-a como um mantra?

M: A autoinvestigação não é, certamente, uma fórmula vazia; é mais do que a repetição de qualquer mantra. Se a investigação, "Quem sou eu?" fosse um mero questionamento mental, não seria de muito valor. O propósito de autoinvestigação é concentrar toda a mente na sua fonte. Não é, assim, um caso de um 'eu' em busca de outro "eu".

Muito menos é a autoinvestigação uma fórmula vazia, pois envolve uma intensa atividade de toda a mente para mantê-la constantemente estabelecida em pura autoconsciência.

A autoinvestigação é o único meio infalível, o único direto, para perceber o Ser incondicionado, absoluto, que você realmente é.

D: Por que só a autoinvestigação deve ser considerada o meio direto para *jnana*?

M: Porque todo tipo de *sadhana*, exceto *Atma Vichara*, pressupõe a retenção da mente como o instrumento para o exercício da *sadhana*, e sem a mente ela não pode ser praticada. O ego pode tomar formas diferentes e mais sutis nas diferentes fases da prática do indivíduo, porém ele mesmo jamais é destruído. Quando Janaka (rei sábio) exclamou: "Agora descobri o ladrão que esteve me arruinando durante todo o tempo - lidarei com ele sumariamente", o rei estava realmente referindo-se ao ego ou à mente.

D: Mas o ladrão pode igualmente ser capturado por outras formas de *sadhana*.

M: A tentativa de destruir o ego ou a mente através de *sadhanas* distintas de *atma vichara* é o mesmo que um ladrão assumir o papel de um policial para prender o ladrão, que é ele próprio. Somente *Atma vichara* pode revelar a verdade que nem o ego nem a mente realmente existe, e capacitar o indivíduo a realizar o puro, indiferenciado Ser do Si-mesmo ou o Absoluto.

Tendo realizado o Self, nada sobra para se conhecer, porque ele é perfeita Bem-aventurança, é o Todo.

D: Nesta vida cercada de limitações, posso alguma vez perceber a bem-aventurança do Self?

M: Essa bem-aventurança do Self está sempre com você, e você vai encontrá-la por si mesmo, se a procurar sinceramente.

A causa do seu sofrimento não está na vida exterior; está em você como ego. Você impõe limitações a si mesmo e, em seguida, realiza uma luta vã para transcendê-las. Toda infelicidade é devida ao ego; com ele vem todo o seu problema. O que é que adianta atribuir aos acontecimentos da vida a causa do sofrimento, que está realmente dentro de você? Que felicidade você pode obter de coisas exteriores a si mesmo? Quando você a conseguir, quanto tempo isso vai durar?

Se você negar o ego e incinerá-lo, ignorando-o, você estará livre. Se aceitá-lo, ele vai lhe impor limitações e irá lançá-lo em uma luta vã para transcendê-las. Era assim que o ladrão procurava 'arruinar' o Rei Janaka.

Ser o Si Mesmo, que você realmente é, eis o único meio de realizar a bem-aventurança que é sempre sua.

D: Não tendo percebido a verdade de que apenas o Self existe, eu não deveria adotar os caminhos espirituais (*margas*) *bhakti* e *yoga* como sendo mais adequadas do que *vichara* para fins de *sadhana*? Não é a realização do Absoluto Ser do indivíduo, isto é, *Brahma jnana*, algo praticamente inatingível para um leigo como eu?

M: *Brahma jnana* não é um conhecimento a ser adquirido, de modo que, ao adquiri-lo, se possa obter a felicidade. Essa é o ponto de vista da ignorância, do qual se deve desistir. O Self que você busca conhecer é, na verdade, você mesmo. Sua suposta ignorância lhe causa uma aflição desnecessária, como a dos dez homens tolos que se afligiram com a "perda" do décimo homem, que nunca foi perdido.

Os dez homens tolos da parábola atravessaram um rio e, ao alcançar a outra margem, quiseram ter a certeza de que todos tinham, de fato, cruzado em segurança a correnteza. Um dos dez começou a contar, mas, ao efetuar a contagem, deixou a si mesmo de fora. "Eu vejo apenas nove - com toda a certeza, perdemos um. Quem pode ter sido?", perguntou. "Você contou corretamente?", questionou outro, e efetuou, ele mesmo, nova contagem. Mas

também contou apenas nove. Um após o outro, cada um dos dez contou apenas nove, deixando de considerar a si mesmo. "Somos apenas nove", todos eles concordaram, "mas, quem está faltando?", perguntaram-se uns aos outros. Toda tentativa que fizeram para descobrir o companheiro 'perdido' falhou. "Quem quer que seja que tenha se afogado", disse o mais sentimental dos dez tolos, "nós o perdemos". Assim dizendo, começou a chorar, e o resto dos nove seguiu o exemplo.

Ao vê-los chorando na margem do rio, um bondoso viandante perguntou sobre a causa. Eles relataram o que havia acontecido e disseram que, mesmo após contarem-se várias vezes, não conseguiam encontrar mais do que nove. Ao ouvir a história, mas vendo todos os dez diante dele, o viajante adivinhou o que tinha acontecido. A fim de fazê-los saber por si mesmos que eles eram realmente dez, que todos eles tinham chegado a salvo da travessia, lhes disse: "Cada um de vocês vai contar a si mesmo, mas um após o outro, em sequência, um, dois, três, e assim por diante, enquanto eu darei uma pancada em cada um, para que todos vocês possam ter a certeza de terem sido incluídos na contagem, e incluídos apenas uma vez. O décimo homem 'perdido' será, então, encontrado". Ouvindo isso, eles se alegraram com a perspectiva de encontrar seu companheiro "perdido" e aceitaram o método sugerido pelo viajante.

Ao passo em que o amável andarilho dava um golpe a cada um dos dez, o que era golpeado contava-se em voz alta. "Dez", disse o último homem, assim que, na sua vez, recebeu a última pancada. Desnorteados, olharam-se uns aos outros. "Somos dez", disseram a uma só voz, e agradeceram ao viajante por ter dissipado a sua aflição.

Essa é a parábola. Onde se foi buscar o décimo homem? Alguma vez ele esteve perdido? Ao saber que ele estava lá o tempo todo, eles aprenderam alguma coisa nova? A causa de sua dor não era a perda real de qualquer um dos dez, era a sua própria ignorância, melhor, a sua mera suposição de que um deles estava perdido (embora não pudessem identificar qual), pois haviam contado apenas nove.

Tal é também o caso com você. Não há, realmente, razão para você se sentir desconsolado e infeliz. Você mesmo impõe limitações à sua verdadeira natureza de Ser Infinito, e então se lamenta por não passar de uma criatura finita. Dessa forma, você se vale desta ou daquela prática espiritual (*sadhana*) para transcender as limitações inexistentes. Mas se a sua *sadhana* pressupõe, ela mesma, a existência de limitações, como pode ajudá-lo a transcendê-las?

Assim, eu digo, saiba que você é realmente o puro Ser Infinito, o Si Mesmo Absoluto. Você é sempre esse Self e nada mais que o Self. Portanto, você jamais pode ser realmente ignorante de Si Mesmo; sua ignorância é apenas uma ignorância formal, como a ignorância dos dez tolos acerca do décimo homem 'perdido'. Foi essa ignorância que lhes causou infortúnio.

Saiba, então, que o verdadeiro conhecimento não cria um novo Ser para você; ele só remove a 'ignorância ignorante'. A Bem-Aventura não é adicionada à

sua natureza - ela simplesmente revela-se como o seu estado verdadeiro e natural, eterno e imperecível. A única maneira de se livrar de sua aflição é conhecer e ser Si Mesmo. Como pode isso ser inatingível?

II - SADHANA E GRAÇA

D: A pesquisa sobre Deus vem acontecendo desde tempos imemoriais. Já foi dada a palavra final?

M: (Mantém silêncio por algum tempo).

D: (Intrigado) Devo considerar o silêncio do Sri Bhagavan como a resposta à minha pergunta?

M: Sim. *Mauna é Iswara svarupa* (a natureza de Deus). Daí, o texto:

“A Verdade do Supremo Brahman proclamada por meio da eloquencia silenciosa”

D: Diz-se que Buda ignorou tais investigações sobre Deus.

M: E, por causa disso, ele foi chamado de *Vadin sunya* (niilista). Na verdade, Buda se preocupou mais em orientar o aspirante a perceber a bem-aventurança aqui e agora do que com discussões acadêmicas a respeito de Deus, etc.

D: Deus é descrito como manifesto e não manifesto. Como o primeiro, diz-se que inclui o mundo como parte de seu ser. Se é assim, nós, como parte deste mundo, deveríamos facilmente conhecê-lo na forma manifesta.

M: Conheça a si mesmo antes de buscar decidir sobre a natureza de Deus e do mundo.

D: Conhecer a mim mesmo implica conhecer a Deus?

M: Sim, Deus está dentro de você.

D: Então, qual o obstáculo no caminho de meu conhecimento de mim mesmo ou de Deus?

M: Sua mente errante e as suas incorretas formas de se conduzir.

D: Eu sou uma criatura fraca. Mas, por que o poder superior de Deus dentro de mim não remove os obstáculos?

M: Sim, ele removerá, se você tiver a aspiração.

D: Por que Ele não cria a aspiração em mim?

M: Então, renda-se.

D: Se eu me entregar, nenhuma oração a Deus é necessária?

M: Entregar a si mesmo é uma poderosa oração.

D: Mas não é necessário compreender a Sua natureza antes de alguém entregar-se?

M: Se você acredita que Deus fará por você todas as coisas que você quer que ele faça, entregue-se então a Ele. Caso contrário, deixe Deus de lado e conheça a si mesmo.

D: Deus ou o Guru tem algum desvelo por mim?

M: Se você procurar um ou o outro - eles realmente não são dois, mas um só e idênticos – tenha a certeza de que eles o estão buscando com uma solicitude maior do que você jamais pode imaginar.

D: Jesus contou a parábola da moeda perdida, em que a mulher a procura até que seja encontrada.

M: Sim, isso representa adequadamente a verdade de que Deus ou o Guru está sempre à procura do buscador sério. Fosse a moeda uma peça sem valor, a mulher não teria realizado essa longa busca. Você percebe o que isso significa? O buscador deve qualificar-se através da devoção, etc.

D: Mas o indivíduo pode não estar seguro da Graça de Deus.

M: Se a mente imatura não sente a Sua Graça, isso não significa que a graça de Deus esteja ausente, pois tal situação implicaria que Deus, às vezes, não é benevolente, ou seja, deixa de ser Deus.

D: Isso é o mesmo que o dito de Cristo “De acordo com a tua fé seja feito a ti”.

M: Isso mesmo.

D: Os Upanishads, segundo soube, dizem que só conhece o *Atman* (Ser Supremo) aquele que o *Atman* escolhe. Por que razão deveria o *Atman* escolher? Se ele o faz, por que determinada pessoa?

M: Quando o sol nasce, apenas alguns botões florescem, não todos. Você culpa o sol por isso? O botão também não pode florescer por si mesmo, ele necessita da luz do sol para fazê-lo.

D: Não podemos dizer que é necessária a ajuda do *Atman* porque foi o *Atman* que lançou sobre si mesmo o véu de *maya*?

M: Você pode dizer isso.

D: Se o *Atman* lançou o véu sobre si mesmo, não deve, ele mesmo, remover o véu?

M: Ele o fará. Veja para quem é o véu.

D: Por que deveria eu? Que o próprio *Atman* remova o véu!

M: Se o *Atman* fala sobre o véu, então o próprio *Atman* irá removê-lo.

D: Deus é pessoal?

M: Sim, Ele é sempre a primeira pessoa, o eu, ininterruptamente diante de você. Porque você dá prioridade a coisas mundanas, Deus parece ter recuado a um plano secundário. Se você desistir de tudo e buscar apenas Ele, só Ele vai permanecer como o eu, o Si Mesmo.

D: O estado final de Realização, de acordo com o *Advaita*, diz-se ser a absoluta união com o Divino; e de acordo com *Visishtadvaita*, uma união parcial, enquanto *Dvaita* sustenta que não há união alguma. Qual destas deve ser considerada a correta visão?

M: Por que especular sobre o que vai acontecer em algum momento futuro? Todos concordam que o "eu" existe. A qualquer escola de pensamento que ele possa pertencer, deixe o sério buscador primeiro descobrir o que é o "eu". Então, haverá tempo suficiente para saber o que será o estado final, se o "eu" vai imergir no Supremo Ser ou permanecer fora dele. Não vamos antecipar a conclusão, mas manter a mente aberta.

D: Mas, alguma compreensão do estado final não será um guia útil mesmo para o aspirante?

M: Não serve a propósito algum a tentativa de decidir agora o que será o estado final de Realização. Não há nisso valor intrínseco algum.

D: Por quê?

M: Porque você parte de um princípio equivocado. Sua verificação tem de depender do intelecto, que brilha apenas pela luz que obtém do Self. Não é uma presunção da parte do intelecto se por a fazer julgamento sobre aquilo de que ele é apenas uma manifestação limitada, e do qual deriva a sua tênue luz?

Como pode o intelecto, que jamais pode chegar ao Self, ser competente para averiguar, e muito menos decidir, sobre a natureza do estado final de Realização? É como tentar medir a luz do sol em sua origem pelo critério da luz emitida por uma vela. A cera derreterá antes de a vela chegar a qualquer lugar perto do sol.

Em vez de entregar-se á mera especulação, empenhe-se, aqui e agora, na busca da Verdade, que está sempre dentro de você.

III - O JNANI E O MUNDO

D: O mundo é percebido pelo *jnani*?

M: De quem é a pergunta? De um ou *jnani* ou de um *ajnani*?

D: De um *ajnani*, admito.

M: É o mundo que busca decidir a questão sobre a sua realidade? A dúvida surge em você. Conheça, em primeira instância, quem é esse que duvida, e então você pode considerar se o mundo é real ou não.

D: O *ajnani* vê e conhece o mundo e seus objetos, que afetam seus sentidos de tato, paladar, etc. O *jnani* experimenta o mundo da mesma maneira?

M: Você fala acerca de ver e conhecer o mundo. Mas, sem conhecer a si mesmo, o sujeito cognoscente (sem o qual não há conhecimento do objeto), como você pode conhecer a verdadeira natureza do mundo, o objeto conhecido? Os objetos, não há dúvida alguma, afetam o corpo e os órgãos dos sentidos; mas é para o seu corpo que surge a pergunta? O corpo diz "percebo o objeto, ele é real"? Ou, é o mundo que lhe diz: "Eu, o mundo, sou real"?

D: Eu só estou tentando compreender o ponto de vista do *jnani* sobre o mundo. O mundo é percebido pelo *jnani* após a autorrealização?

M: Por que se preocupar sobre o mundo e o que acontece com ele depois da autorrealização? Primeiro perceba a Si Mesmo. Que importa se o mundo é percebido ou não? Você ganha algo para ajudá-lo em sua busca pela não percepção do mundo durante o sono profundo? De modo contrário, o que você perderia agora pela percepção do mundo? É totalmente indiferente ao *jnani* ou ao *ajnani* se eles percebem o mundo ou não. Ele é visto por ambos, mas seus pontos de vista são diferentes.

D: Se o *jnani* e o *ajnani* percebem o mundo de igual maneira, onde está a diferença entre eles?

M: Ao ver o mundo, o *jnani* vê o Self, que é o substrato de tudo o que é visto; o *ajnani*, vendo o mundo ou não, é ignorante do seu verdadeiro Ser, o Self.

Considere o caso das imagens em movimento na tela do cinema. O que está lá à sua frente antes de a exibição começar? Apenas a tela. Nessa tela você vê todo o filme, e, aparentemente, as imagens são reais. Mas vá e tente pegá-las. No que você toca? Apenas na tela, em que as imagens pareciam tão reais. Após o filme, quando as imagens desaparecem, o que resta? A tela de novo!

Da mesma forma, com o Self. Só ele sempre existe; as imagens vêm e se vão. Se você se ativer a Si Mesmo, não será enganado pela aparência das

imagens. Tampouco tem importância se as imagens aparecem ou desaparecem.

Ignorando o Self, o *ajnani* acha que o mundo é real, assim como, ignorando a tela, ele vê apenas as imagens, como se estas existissem à parte daquela. Quando se sabe que sem o vidente não há coisa alguma a ser vista, assim como não há imagens sem a tela, não se é iludido. O *jnani* sabe que a tela, as imagens e os olhos que as veem são tão somente o Self. Com as imagens, o Self está em sua forma manifesta; sem as imagens, ele permanece na forma não-manifesta. Para o *jnani*, é bastante irrelevante se o Self está em uma forma ou outra. Ele é sempre o Self. Mas o *ajnani*, vendo o *jnani* ativo, fica confuso.

D: É exatamente esse o ponto que me levou a colocar minha primeira pergunta, ou seja, se a pessoa que realizou o Self percebe o mundo como nós, e, se o faz, eu gostaria de saber como Sri Bhagavan se sentiu quanto ao misterioso desaparecimento da foto ontem...

M: (Sorrindo) Você está se referindo à foto do Templo de Madurai. Poucos minutos antes, ela estava passando pelas mãos dos visitantes, que a contemplavam. Evidentemente, perdeu-se entre as páginas de um livro ou outro que eles estavam consultando.

D: Sim, foi esse o incidente. Como Bhagavan o encarou? Houve uma busca ansiosa pela foto, que, ao final, não pôde ser encontrada. Como Bhagavan considerou o misterioso desaparecimento da foto, exatamente no momento em que estava sendo procurada?

M: Suponha que você sonhe que está me levando para o seu distante país, a Polônia. Você acorda e pergunta-me: "Eu sonhei assim e assim; você também teve esse sonho, ou sabe, de alguma outra forma, que eu o estava levando para a Polônia?" Que significado você atribuirá a uma tal questão?

D: Mas, no que diz respeito à foto perdida, o incidente todo ocorreu na frente de Sri Bhagavan.

M: A visão da foto e seu desaparecimento, bem como a sua presente pergunta, são, todos, meras operações mentais.

Há uma história purânica que ilustra o ponto. Quando Sita desapareceu do eremitério na floresta, Rama saiu à sua procura, pranteando "Oh Sita, Sita!" Diz-se que Parvati (esposa de Shiva) e Parameswara (Senhor Supremo, Shiva) viram de cima o que estava acontecendo na floresta. Parvati expressou sua surpresa a Shiva e disse: "Você elogiou Rama como o Ser Perfeito. Veja como ele se comporta e se entristece diante da perda de Sita!" Shiva respondeu: "Se você é cética quanto à perfeição de Rama, então submeta-o a um teste você mesma. Por meio da sua *yoga maya* (poder de criar ilusões), transforme-se e apareça como Sita diante dele". Parvati fez o que lhe foi sugerido. Ela apareceu na forma de Sita diante de Rama, mas, para seu espanto, Rama ignorou sua

presença e seguiu como antes, gritando “Oh Sita, oh Sita!”, como se fosse cego.

D: Não compreendi a moral da história

M: Se Rama estivesse realmente procurando a presença corpórea de Sita, ele teria reconhecido a pessoa que estava de pé na frente dele como a Sita que ele havia perdido. Mas não, a Sita desaparecida era tão irreal quanto a Sita que apareceu diante de seus olhos. Rama não estava realmente cego; mas, para ele, um *jnani*, Sita no eremitério, seu desaparecimento, sua subsequente busca por ela, bem como a real presença de Parvati sob o disfarce de Sita, eram, todos, igualmente irreais. Entendeu agora como a falta da foto foi percebida?

D: Não posso dizer que está claro para mim. O mundo que é visto, sentido e percebido por nós, de muitas formas, é algo como um sonho, uma ilusão?

M: Não há alternativa, a não ser aceitar o mundo como irreal, se você está procurando a Verdade e somente a Verdade.

D: Por que isso?

M: Pela simples razão de que, a menos que você desista da idéia de que o mundo é real, sua mente vai sempre estar em busca do mundo. Se você tomar a aparência como real, você nunca conhecerá o próprio real, embora apenas o real exista. Este ponto é ilustrado pela analogia da "serpente na corda". Enquanto você vê a serpente, não pode ver a corda como tal. A inexistente serpente torna-se real para você, enquanto a corda real parece totalmente inexistente como tal.

D: É fácil de aceitar, provisoriamente, que o mundo não é, em última análise, real, mas é difícil ter a convicção de que é realmente irreal.

M: Da mesma forma, o seu mundo de sonho é real enquanto você está sonhando. Enquanto o sonho perdura, tudo o que você vê, sente, etc., nele é real.

D: Então, o mundo não é coisa alguma além de um sonho?

M: O que há de errado com o senso de realidade que você tem enquanto está sonhando? Você pode estar sonhando com algo completamente impossível, como, por exemplo, estar tendo um alegre bate-papo com uma pessoa que já morreu. Por um momento, apenas, você pode ter uma dúvida no sonho e questionar-se: 'ele não estava morto?'; mas, de alguma forma, sua mente se reconcilia à visão do sonho, e é como se a pessoa estivesse viva, para os propósitos do sonho. Em outras palavras, o sonho, enquanto sonho, não permite a você duvidar de sua realidade. Da mesma forma, você é incapaz de duvidar da realidade do mundo de sua experiência na vigília. Como pode a mente, que criou o mundo, aceitá-lo como irreal? Esse é o significado da comparação feita entre o mundo da experiência na vigília e o mundo dos sonhos. Ambos são apenas criações da mente; e enquanto a mente se

encontra envolvida em qualquer um deles, acha-se incapaz de negar a realidade do sonho, enquanto está sonhando, e do mundo da vigília, enquanto acordada. Se, pelo contrário, você retira sua mente completamente do mundo e a volta para dentro e permanece assim, ou seja, se você permanece sempre desperto para o Self, que é o substrato de toda a experiência, você vai ver o mundo, o único de que agora você está cômico, tão irreal quanto o mundo em que você viveu em seu sonho.

D: Como eu disse antes, nós vemos, sentimos e percebemos o mundo de tão variadas maneiras. Essas sensações são as reações aos objetos vistos, sentidos etc., e não são criações mentais como nos sonhos, que diferem não só de pessoa para pessoa, mas também no que diz respeito à mesma pessoa. Isso não é suficiente para provar a realidade objetiva do mundo?

M: Toda essa conversa sobre inconsistências e sua atribuição ao mundo dos sonhos surge só agora, quando você está acordado. Enquanto você estava sonhando, o sonho era um todo perfeitamente integrado. Quer dizer, se você sentiu sede em um sonho, a ilusória ingestão de água ilusória saciou a sua ilusória sede. Mas tudo isso era real e não ilusório para você, enquanto você não sabia que o próprio sonho era ilusório. Da mesma forma com o mundo da vigília; e as sensações que você tem agora se coordenam para dar-lhe a impressão de que o mundo é real.

Se, pelo contrário, o mundo é uma realidade autoexistente (isso é o que você quer dizer, evidentemente, quando fala da objetividade dele), o que impede o mundo de se revelar a você no sono profundo? Você não diz que você, em seu sono profundo, deixou de existir.

D: Nem nego a existência do mundo, enquanto estou dormindo. Ele existiu durante todo o tempo. Se durante meu sono eu não o vi, outros que não estavam dormindo viram-no.

M: Para você afirmar que continua existente durante o sono profundo, é necessário apelar para o testemunho de outros, de modo a que lhe forneçam a prova? Por que buscar agora o seu testemunho quanto à existência do mundo? Esses 'outros' podem lhe dizer ter visto o mundo (durante o seu sono profundo) apenas quando você está acordado. Com relação à sua própria existência, é diferente. Ao acordar, você diz que teve um sono profundo, de modo que, com relação a esse ponto, você está consciente de si mesmo no mais profundo sono, enquanto que não tem, então, a menor noção da existência do mundo. Mesmo agora, enquanto você está acordado, é o mundo que diz: "eu sou real", ou é você?

D: É claro que sou eu, mas digo isso quanto ao mundo.

M: Bem, então esse mundo, que você diz que é real, está realmente zombando de você, por tentar provar a realidade dele enquanto você ignora a sua própria realidade.

Você quer, de alguma maneira, sustentar que o mundo é real. Qual é o padrão de realidade? É real unicamente aquilo que existe por si mesmo, que se revela para si mesmo e que é atemporal e imutável.

O mundo existe por si mesmo? Ele já foi visto alguma vez sem o auxílio da mente? No sono profundo não há mente nem mundo. Quando se acorda, há a mente e existe o mundo. O que significa essa invariável concomitância? Você está familiarizado com os princípios da lógica indutiva, que são considerados a própria base da investigação científica. Por que você não decide essa questão da realidade do mundo à luz desses princípios aceitos da lógica?

A respeito de si mesmo, você pode dizer 'eu existo'. Ou seja, a sua não é uma mera existência, é existência de que você é consciente. Realmente, é existência idêntica à consciência.

D: O mundo pode não ser consciente de si mesmo; ainda assim, existe.

M: A consciência é sempre autoconsciência. Se você está cômico de alguma coisa, essencialmente você está consciente de si mesmo. Existência não consciente de si própria é uma contradição em termos. Não é realmente existência (no sentido de Ser), é meramente existência atribuída, enquanto a verdadeira existência, *sat*, não é um atributo, é a própria substância. É *Vastu* (a essência). A verdade é, portanto, conhecida como *Sat-Chit*, Ser-Consciência, e jamais apenas existência (Ser) ou Consciência, um com a exclusão do outro. O mundo não existe por si só, nem é consciente de sua existência. Como você pode dizer que este mundo é real? E qual é a natureza do mundo? É perpétua mudança, um fluxo contínuo, interminável. Um mundo dependente, inconsciente de si mesmo, em constante mudança, não pode ser real.

D: Não só a ciência empírica ocidental* considera o mundo real, mas também os Vedas, etc., fornecem elaboradas descrições cosmológicas do mundo e sua origem. Por que o fazem, se o mundo é irreal?

M: O objetivo essencial dos Vedas, etc., é ensinar a você a natureza do *Atman* (Si Mesmo) imperecível, e declarar com autoridade: "Tu és Isso".

D: Concordo. Mas por que deveriam eles fornecer descrições cosmológicas extensas e detalhadas, a menos que considerassem o mundo como real?

M: Adote na prática o que você aceita em teoria, e esqueça-se do resto. Os *shastras* têm de guiar todo tipo de buscador da verdade, e nem todos têm a mesma formação mental. Aquilo que você não pode aceitar considere como *artha vada* ou argumento auxiliar.

* NOTA

Em última análise, o mundo da percepção sensorial resolve-se em duas categorias, que são tempo e espaço. E eis aqui o que Sir James Jeans escreve

em seu livro, *The New Background of Science*, como conclusão derivada de experimentos baseados na Teoria da Relatividade de Einstein:

"Vemos que o espaço não significa coisa alguma separada da nossa percepção de objetos, e o tempo não significa coisa alguma que esteja separada de nossa experiência de eventos. O espaço começa agora a ser visto apenas *como uma ficção criada por nossas próprias mentes**, uma ilegítima projeção que impomos à Natureza de um conceito subjetivo, que nos ajuda a compreender e a descrever o arranjo de objetos como vistos por nós, enquanto que o tempo aparece como uma segunda ficção (sem o passado e o futuro, o tempo, como geralmente concebido, não passa de um mito – v. o verso 15 de *A Verdade Revelada*), servindo a um propósito semelhante para a compreensão e descrição do arranjo de eventos que acontecem conosco".

O leitor deve observar que, quando o tempo e o espaço são considerados pela ciência moderna como meras ficções criadas por nossas próprias mentes, objetos e eventos tornam-se, *ipso facto*, meras criações da mente (veja os versículos 17 e 18 de *A Verdade Revelada*), porque não podem existir sem tempo e espaço.

Quanto à solidez atribuída pelo leigo à matéria, as seguintes conclusões extraídas da física experimental moderna fornecem a resposta:

1. A ciência não sabe coisa alguma a respeito da verdadeira natureza dos constituintes do átomo. Ela conhece apenas as radiações que daí provêm, mas jamais a própria fonte.
2. Uma vez que o átomo irradia energia continuamente, o elétron de um determinado momento não pode ser identificado com o elétron de outro momento.
3. "O elétron deixa completamente de ter as propriedades de uma 'coisa', como concebida pelo senso comum - ele é apenas uma região da qual pode irradiar energia". (*Outline of Philosophy*, de Bertrand Russell).

Essa é a conclusão a que chegou Bertrand Russell: "Agora, devido principalmente a dois físicos alemães, Heisenberg e Schrodinger, os últimos vestígios do antigo átomo sólido desfizeram-se, e a matéria tornou-se tão fantasmagórica como qualquer coisa em uma sessão espírita".

Que o leitor então julgue por si mesmo em que maneira o mundo da percepção sensorial na vigília é fundamentalmente diferente do mundo dos sonhos, lembrando-se de que foi dito acima, no corpo deste capítulo, e do que foi dito por Sri Ramana em 'Quem sou eu?': "Exceto pelo fato de o estado de a vigília ser longa e o estado de sonho ser curto, não há diferença entre os dois" Esta verdade, ecoada pela moderna ciência, é expressa assim pelo Dr. Eddington: "A clara constatação de que a ciência física se ocupa com o mundo de sombras é um dos mais significativos avanços... No mundo da física assistimos a um desempenho do drama da vida cotidiana em forma de sombras animadas (a apresentação de imagens na tela de Si Mesmo, como dito por Bhagavan); a

sombra do meu cotovelo repousa sobre a mesa de sombra, assim como a sombra de tinta flui sobre a sombra do papel". (*The Nature of the Physical World*).

* A Verdade Revelada (Ramana Maharshi):

15. Apenas com referência ao presente podem o passado e o futuro existir. Eles também, enquanto ocorrem, são o presente. Tentar determinar a natureza do passado e do futuro, ignorando o presente, é como tentar contar sem a unidade.

16. Separados de nós, onde estão o tempo e o espaço? Se somos corpos, estamos envolvidos no tempo e no espaço; mas, somos corpos? Somos um só e idênticos, agora e para sempre, aqui e em toda parte. Portanto, apenas nós, o Ser atemporal e desprovido de espaço, somos.

17. Para aqueles que ainda não perceberam Si Mesmo, bem como para aqueles que perceberam, a palavra "eu" se refere ao corpo, mas com a diferença de que, para quem ainda não percebeu, o "eu" se limita ao corpo, enquanto que para aqueles que já perceberam Si Mesmo dentro do corpo, o "eu" brilha como o Si Mesmo ilimitado.

18. Para quem ainda não percebeu (o Si Mesmo), bem como para aqueles que o fizeram, o mundo é real. Mas, para aqueles que ainda não perceberam, a Verdade se restringe ao mundo, enquanto que, para os que perceberam, a Verdade brilha como a Perfeição sem forma e como o substrato do mundo. Esta é a diferença entre eles.

N.T - A mecânica quântica usual, baseada na chamada "Escola de Copenhague", tem como base filosófica conceitos que exprimem a idéia do indeterminismo, da não causalidade, e do fato de que não podemos entrar em contato direto com a natureza, e sim interpretar aquilo que obtemos através de um experimento. A natureza não existe como uma realidade objetiva independente do observador. É o ato de medida, praticado pelo observador dotado de consciência, que torna real um dos múltiplos estados potencialmente existentes.

IV - O CORAÇÃO É O SI MESMO

D – Sri Bhagavan fala do Coração como a sede da Consciência e como sendo idêntico ao Si Mesmo. O que significa exatamente o Coração?

M – A pergunta sobre o Coração surge porque você está interessado em descobrir a fonte da consciência. Para todas as mentes que pensam profundamente, a questão sobre o Si Mesmo e sua natureza tem uma fascinação irresistível.

Chame-o por qualquer nome - Deus, Si Mesmo, Coração ou sede da consciência – é a mesma coisa. O ponto a ser compreendido é este: que Coração significa o próprio âmago do ser do indivíduo, o Centro, sem o qual não há coisa alguma, qualquer que seja.

D – Mas Sri Bhagavan especificou um lugar particular para o Coração, dentro do corpo físico, dois dedos à direita do plano mediano.

M – Sim, esse é o Centro da experiência espiritual, de acordo com o testemunho de sábios. Esse Coração-centro espiritual é completamente diferente do órgão muscular propulsor de sangue, conhecido pelo mesmo nome. O Coração-centro espiritual não é um órgão do corpo. Tudo o que se pode dizer do Coração é que ele é o âmago mesmo do seu ser. Isso com o qual você é realmente idêntico (como a palavra em sânscrito significa literalmente), quer você esteja acordado, dormindo ou sonhando, quer esteja trabalhando ou imerso em samadhi.

D – Nesse caso, como pode ele ser localizado em alguma parte do corpo? Fixar um lugar para o Coração implicaria em impor limitações fisiológicas a isso que está além do espaço e do tempo.

M – Está certo. Mas, a pessoa que faz a pergunta sobre a posição do Coração considera-se como existindo com ou no corpo. Fazendo a pergunta agora, você diria que somente seu corpo está aqui, mas que você está falando de algum outro lugar? Não, você aceita a sua existência física. É desse ponto de vista que qualquer referência a um corpo físico vem a ser feita.

Em verdade, a Consciência Pura é indivisível, não tem partes. Ela não tem forma alguma nem contorno algum, nenhum “dentro” e nenhum “fora”. Não há “direita” nem “esquerda” para ela. A Consciência Pura, que é o Coração, inclui tudo; e nada está fora ou separado dela. Esta é a Verdade final. Desse ponto de vista absoluto, o Coração, Si Mesmo ou Consciência, não pode ter lugar algum designado para ele no corpo físico. Qual a razão? O corpo é, ele próprio, uma simples projeção da mente, e a mente não passa de um reflexo empobrecido do Coração radiante. Como pode isso em que tudo está contido se encontrar, ele próprio, confinado como uma pequena parte dentro do corpo físico, que não é senão uma manifestação infinitesimal, fenomênica, da Realidade Única? Mas as pessoas não compreendem isso. Elas não podem

deixar de pensar em termos de corpo físico e de mundo. Por exemplo, você diz: “Eu vim para este *ashram* percorrendo todo o caminho desde o meu país, que se encontra além dos Himalayas”. Mas isso não é verdade. Onde está “ir” e “vir”, ou qualquer outro movimento que seja, para o espírito uno, todo-penetrante, que você realmente é? Você está onde sempre esteve. Foi o seu corpo que se moveu ou foi transportado de um lugar a outro até encontrar este *ashram*.

Esta é a verdade simples, mas, para um indivíduo que se considera um sujeito vivendo em um mundo objetivo, esta verdade aparece como algo completamente visionário.

É pela descida ao nível da compreensão comum que um lugar é atribuído ao Coração, no corpo físico.

D – Como poderei então compreender a afirmação de Sri Bhagavan de que a “experiência” do Centro-Coração se dá em um lugar particular do peito?

M – Uma vez que você aceita que, do ponto de vista verdadeiro e absoluto, o Coração como Consciência Pura está além do espaço e do tempo, será fácil compreender o resto na sua correta perspectiva.

D – Foi somente nessa base que eu fiz a pergunta sobre a posição do Coração. Estou perguntando sobre a experiência de Sri Bhagavan.

M – A Consciência Pura, completamente não relacionada ao corpo físico e que transcende à mente, é uma questão de experiência direta. O Sábio conhece sua existência incorpórea e atemporal, assim como o leigo conhece a sua existência corpórea. Mas a experiência da Consciência pode se dar estando-se cômico ou não do corpo. Na experiência incorpórea da Consciência Pura, o Sábio está além do tempo e do espaço, e nenhuma pergunta sobre a posição do Coração pode então surgir, absolutamente.

Contudo, uma vez que o corpo físico não pode subsistir separado da Consciência, a percepção corpórea tem de ser sustentada pela Consciência Pura. A consciência corpórea, por sua natureza, é limitada, e não pode jamais ter a amplitude da Consciência Pura, que é infinita e atemporal. A consciência circunscrita ao corpo é simplesmente uma espécie de mônada, reflexo miniaturizado da Consciência Pura com a qual o Sábio realizou a sua identidade. Para ele, portanto, a consciência do corpo é somente um raio refletido, por assim dizer, da infinita e autorefulgente consciência, que é ele próprio. É somente nesse sentido que o Sábio está cômico da sua existência física. Uma vez que, durante a experiência incorpórea do Coração como Pura Consciência, o Sábio não está, de forma alguma, cômico do corpo, aquela experiência absoluta é localizada por ele dentro dos limites do corpo físico por uma espécie de recordação-sentimento produzida enquanto ele se encontra cômico do corpo.

D – Para homens como eu, que não tiveram a experiência direta do Coração nem a conseqüente recordação, parece um pouco difícil compreender o

assunto. Sobre a posição mesma do Coração, talvez precisemos depender de alguma espécie de adivinhação.

M – Se a determinação da posição do Coração tem de depender de adivinhação, mesmo no caso do leigo, a questão não merece grandes considerações. Não, não é de adivinhação que você tem de depender, mas sim de uma infalível intuição.

D – Para quem é a intuição?

M – Para cada um e para todos.

D – Sri Bhagavan atribui a mim um conhecimento intuitivo do Coração?

M – Não, não do Coração, mas da posição do Coração em relação à sua identidade.

D – Sri Bhagavan diz que eu conheço intuitivamente a posição do Coração no corpo físico?

M Por que não?

D – (Apontando para si próprio) É a *mim* pessoalmente que Sri Bhagavan está se referindo?

M – Sim. Essa é a intuição! De que forma você se referiu a si mesmo, por um gesto, neste momento? Não colocou o seu dedo no lado direito do peito? Esse é exatamente o lugar do Centro-Coração.

D – Então, na ausência do conhecimento direto do Centro-Coração, tenho de depender dessa intuição?

M – O que há de errado com ela? Quando um estudante diz “Fui eu que fiz a soma correta”, ou quando ele lhe pergunta: “Devo correr e pegar o livro para você?”, ele aponta para a cabeça que fez a soma correta, ou para as pernas que rapidamente o levarão para pegar o livro? Não, em ambos os casos, seu dedo é apontado, naturalmente, em direção ao lado direito do peito, concedendo, assim, uma inocente expressão à profunda verdade de que nele a fonte da noção “eu” ali se encontra. É uma infalível intuição que o faz referir-se a si próprio dessa maneira, apontando para o Coração, que é o Si Mesmo. O ato é completamente *involuntário* e *universal*, quer dizer, é o mesmo no caso de cada indivíduo.

De que prova mais forte do que essa você precisa relacionada à posição do Centro-Coração no corpo físico?

V - O LOCAL DO CORAÇÃO

D – Mas eu ouvi um Santo dizer que sua experiência espiritual é sentida no local entre as sobrancelhas.

M – Como eu disse anteriormente, essa é a realização final e perfeita, que transcende a relação sujeito-objeto. Quando é alcançada, não importa onde a experiência espiritual é sentida.

D – Mas a questão é: qual das duas é a correta visão, isto é, que o centro da experiência espiritual é o local entre as sobrancelhas ou é o Coração?

M – Para os propósitos da prática você pode se concentrar entre as sobrancelhas – seria então *bhavana* ou contemplação imaginativa da mente, enquanto o Estado Supremo de *Anubhava*, ou Realização, com o qual você se torna totalmente identificado e no qual sua individualidade é completamente dissolvida, transcende a mente. Não pode haver, então, centro algum para ser experimentado por você como um sujeito distinto e separado dele.

D – Gostaria de fazer a pergunta de uma forma ligeiramente diferente. Pode o local entre as sobrancelhas ser chamado de sede do Si Mesmo?

M – Você aceita que o Si Mesmo é a fonte primária da Consciência, e que ele subsiste igualmente durante os três estados da mente. Mas veja o que acontece quando uma pessoa em meditação é vencida pelo sono. Como primeiro sintoma, sua cabeça começa a se inclinar, o que não aconteceria se o Si Mesmo estivesse situado entre as sobrancelhas ou em qualquer outro lugar na cabeça. Se durante o sono a experiência do Si Mesmo não é sentida entre as sobrancelhas, esse centro não pode ser chamado de sua sede sem a implicação de que o Si Mesmo frequentemente abandona o seu lugar próprio, o que é absurdo.

O fato é que o *Sadhaka* pode ter sua experiência em qualquer centro ou *chakra* no qual concentra sua mente. Mas, por essa razão, esse local particular da sua experiência não se torna *ipso facto* a sede do Self.

Há uma interessante estória sobre Kamal, o filho do santo Kabir, que serve como ilustração para mostrar que a cabeça (e, com mais forte razão, o local entre as sobrancelhas) não pode ser considerada a sede do Si Mesmo.

Kabir era intensamente devotado a Sri Rama, e jamais falhou em alimentar aqueles que cantavam louvores ao Senhor da sua devoção. Em uma ocasião, entretanto, aconteceu que não teve os recursos para providenciar alimentos para tantos devotos reunidos. Para ele, entretanto, não havia alternativa alguma, exceto que devia, de alguma forma, preparar tudo antes de o dia amanhecer. Assim, ele e seu filho se puseram a caminho, à noite, para conseguir as provisões necessárias. Segue-se que, depois de pai e filho terem removido as provisões da casa de um mercador, através de um buraco que

fizeram na parede, o filho adentrou novamente só para acordar os donos da casa e informá-los, por uma questão de princípios, que sua casa havia sido roubada.

Quando, tendo avisado ao mercador, o rapaz tentou escapar pelo buraco para se juntar ao pai, seu corpo ficou preso na abertura. Para evitar ser identificado pela vítima (porque, se descoberto, não haveria alimentação para os devotos no dia seguinte), ele chamou seu pai e disse-lhe que cortasse sua cabeça e a levasse embora. Feito isso, Kabir conseguiu escapar com as provisões roubadas e com a cabeça do filho que, ao chegar em casa, escondeu para que não a descobrissem. No dia seguinte, Kabir deu uma festa para os Bhaktas, completamente esquecido do que havia acontecido na noite anterior. “Se é a vontade de Rama”, disse Kabir consigo mesmo, “que meu filho tivesse de morrer, que assim seja”. À tarde Kabir e os participantes da festa foram, como de hábito, em procissão pela cidade, entoando **bhajans** (cânticos devocionais), etc.

Enquanto isso, o dono da casa assaltada notificou o rei, apresentando como prova o corpo mutilado de Kamal, o qual não lhes forneceu pista alguma. Para conseguir que o corpo fosse identificado, o rei mandou atá-lo na estrada, em local bem proeminente, de maneira que, quem quer que o levasse ou o reclamasse (porque nenhum corpo morto é abandonado sem os últimos rituais prestados pelos parentes e amigos) seria interrogado ou preso pela polícia, que havia se escondido com esse propósito. Kabir e seus convidados, com os *bhajans* em pleno andamento, vinham pela estrada quando, para espanto de todos, o corpo mutilado de Kamal (considerado como totalmente sem vida) começou a bater palmas, acompanhando o ritmo da música cantada pelo grupo.

Essa história desmente a teoria de que a cabeça ou o local entre as sobranceiras seja a sede do Si Mesmo. Pode-se também observar que, quando no campo de batalha a cabeça de um soldado em ação é separada do corpo por um súbito e forte golpe de espada, o corpo continua a correr ou a mover seus membros por alguns momentos, numa simulação de luta, como em zombaria, antes de finalmente cair morto.

D – Mas o corpo de Kamal não estava morto há horas?

M – O que você chama de morte não era de fato uma experiência fora do comum para Kamal. Eis a história do que aconteceu quando ele era ainda mais jovem: “Quando menino, Kamal teve um amigo da sua idade com o qual costumava jogar bola de gude. Uma regra que eles observavam entre si era que, se um deles perdesse para o outro uma partida ou duas, teria de haver revanche no dia seguinte. Uma tarde eles se separaram com uma partida a favor do amigo. No dia seguinte, a fim de exigir a revanche, Kamal foi à casa do menino e o viu deitado na varanda, enquanto seus parentes choravam ao lado dele. “Qual é o problema?”, perguntou-lhes Kamal; “ele jogou comigo ontem à tarde e ficou me devendo uma partida”. Os familiares choraram mais ainda ao informar que o menino estava morto. “Não”, disse Kamal, “ele não

está morto, mas simplesmente fingindo para evitar pagar-me a partida que está me devendo”.

Os parentes protestaram, pedindo a Kamal para ver por si mesmo que o menino estava realmente morto, e que o corpo estava frio e rígido. “Mas tudo isto é um simples faz-de-conta dele, eu sei – o que há de mais em um corpo frio e rígido? “Eu também posso colocar-me em igual estado”. Assim dizendo, Kamal deitou-se e, num piscar de olhos, estava morto. Os pobres parentes, que até então estavam chorando pela morte do seu menino, ficaram angustiados e consternados, e começaram a chorar também pela morte de Kamal. Mas Kamal ergueu-se, declarando: “Percebem agora? Eu estava como morto, mas estou em pé novamente, vivo e ativo. É assim que ele quer enganar-me, mas não pode iludir-me dessa forma, com seu faz-de-conta”.

Ao final - diz a estória, - a santidade de Kamal devolveu a vida ao menino morto, e Kamal conseguiu a revanche que lhe era devida. A moral da estória é que o Si Mesmo não é extinto com a morte do corpo. Sua relação com o corpo não é limitada pelo nascimento e morte, e o seu lugar no corpo físico não é delimitado pela experiência do indivíduo sentida num lugar específico, como, por exemplo, entre as sobrancelhas, devido à prática de *dhyana* feita nesse centro. O supremo estado de consciência de Si Mesmo nunca está ausente; ele transcende os três estados da mente, assim como a vida e a morte.

D – Uma vez que Sri Bhagavan diz que o Si Mesmo pode operar em qualquer dos centros ou *chakras*, e sua sede é no Coração, não é possível que, pela prática da intensa concentração ou *dhyana* entre as sobrancelhas, esse centro possa tornar-se a sede do Si Mesmo?

M – Enquanto se tratar meramente do estágio da prática de concentração, pelo fixar de um ponto para o controle da sua atenção, qualquer consideração sobre a sede do Si Mesmo seria simples teorização. Você se considera como o sujeito, o vidente, e o ponto no qual você fixa a sua atenção torna-se o objeto visto. Isso é, tão somente, *bhavana*. Quando, ao contrário, você vê o próprio vidente, você imerge no Si Mesmo, torna-se uno com ele; isso é o Coração.

D – Então é aconselhável a prática de concentração entre as sobrancelhas?

M – O resultado final da prática de qualquer tipo de *dhyana* é que o objeto no qual o *Sadhaka* fixa sua mente cessa de existir como distinto e separado do sujeito. Eles (o sujeito e o objeto) tornam-se um com o Si Mesmo, e isso é o Coração.

A prática da concentração no centro entre as sobrancelhas é um dos métodos de *Sadhana*, e, dessa forma, os pensamentos são efetivamente controlados enquanto dura a prática. A razão é essa: todo pensamento é uma atividade extrovertida da mente, e o pensamento segue o que é visto – física ou mentalmente.

Deve-se, contudo, observar que essa *Sadhana* de fixação da atenção entre as sobrancelhas precisa ser acompanhada por *japa*. Porque, ao olho físico segue-

se o ouvido físico em grau de importância para o controle ou para a distração da mente. Ao *olho da mente* (isto é, a visualização mental do objeto) segue-se o *ouvido da mente* (isto é, a articulação mental da fala) em grau de importância para controlar e, assim, fortalecer a mente, ou para distraí-la e dissipá-la.

Portanto, enquanto fixa o olho da mente em um centro, como, por exemplo, entre as sobrancelhas, você deve também praticar a articulação mental de um *nama* ou *mantra*. De outra forma, logo você perde o domínio sobre o objeto da concentração.

A *sadhana*, como foi descrito acima, leva à identificação do Nome, Palavra ou Si Mesmo – como quer que você o chame – com o centro escolhido para os propósitos de *dhyana*. A Pura Consciência, o Si Mesmo ou Coração, é a Realização final.

D – Por que Sri Bhagavan não nos orienta a praticar a concentração em algum centro particular ou *chakra*?

M – O *Yoga Sastra* diz que o *sahasrara* ou o cérebro é a sede do Si Mesmo. O *Purusha Sukta* declara que o Coração é a sede. Para habilitar o *Sadhaka* a se conduzir livre de possível dúvida, eu lhe digo para pegar o “fio” ou a pista da noção “eu” ou sentimento “eu sou” e segui-la até a sua Fonte. Primeiramente, porque é impossível para qualquer um nutrir qualquer dúvida sobre seu sentimento “eu”; em segundo lugar, porque, qualquer que seja a *Sadhana* adotada, a meta final é a realização da fonte do “eu sou”, que é o dado primário da sua experiência.

Portanto, se você praticar *Atma-Vichara*, chegará ao Coração, que é o Si Mesmo.

VI - “AHAM E AHAM VRITTI” (“Eu sou” e ego)

D – Como pode uma pergunta formulada pelo ego revelar a sua própria irrealidade?

M – A existência fenomênica do ego é transcendida quando você mergulha na Fonte da qual nasce o *aham-vritti* (pensamento eu).

D – Mas não é o pensamento-eu apenas uma das três formas em que o ego se manifesta? O *Yoga Vasishta* e outros textos antigos descrevem o ego como tendo uma tríplice forma.

M – De fato. O ego é descrito como possuindo três corpos – o denso, o sutil e o causal, mas isso é apenas para os fins da exposição analítica. Se o método da investigação dependesse da forma do ego, pode ter certeza de que qualquer investigação se tornaria impossível, porque são inúmeras as formas que o ego pode assumir. Portanto, para os propósitos da *jnana vichara*, você tem de agir com base em que o ego tem somente uma forma, denominada *aham-vritti*.

D – Mas isso pode mostrar-se inadequado para a realização de *Jnana*.

M – A autoinvestigação que se faz seguindo a pista do pensamento-eu é como o cão rastreando o seu dono pelo cheiro. O dono pode estar em um lugar distante e desconhecido, mas nada disso impede que o cão o localize. O cheiro do dono é uma pista infalível para o animal, e nada mais - como a roupa do dono, ou sua compleição e estatura - conta para ele. O cão se atém a esse cheiro sem que se distraia enquanto procura pelo dono, e finalmente logra êxito em encontrá-lo.

D - A dúvida a respeito de por que a busca da origem do *aham-vritti*, distinto de outros *vrittis*, deve ser considerada o meio direto para a autorrealização ainda permanece.

M – A palavra “aham” é por si mesma muito sugestiva. As duas letras da palavra, isto é, a (a) e h (ha), são a primeira e a última letras do alfabeto sânscrito. A sugestão que se pretende transmitir pela palavra é que ela inclui tudo. Como? Porque *aham* significa a existência mesma.

Embora o conceito de sentimento do eu, ou “eu sou”, seja conhecido usualmente como *aham-vritti*, ele não é realmente um *vritti* como os outros *vrittis* da mente. Porque, diferentemente dos outros *vrittis*, que não têm inter-relação essencial, o *aham-vritti* é igualmente e essencialmente relacionado a cada um e a todos os *vrittis* da mente. Sem o *aham-vritti* não pode haver outro *vritti*; mas o *aham-vritti* pode existir por si mesmo, sem depender de qualquer outro *vritti* da mente. O *aham-vritti*, portanto, é fundamentalmente diferente dos outros *vrittis*.

Dessa maneira, então, a busca da origem do *aham-vritti* não é meramente a busca pela base de uma das formas do ego, mas sim da própria Fonte, em si mesma, de onde surge o sentimento “eu sou”. Em outras palavras, a investigação e a percepção da fonte do ego, na forma de *aham-vritti*, implicam necessariamente a transcendência do ego em cada uma de suas possíveis formas.

D – Admitindo-se que o *aham-vritti* engloba essencialmente todas as formas do ego, por que apenas esse *vritti* deve ser escolhido como o meio para a autoinvestigação?

M – Porque ele é o único dado irreduzível da sua experiência; porque buscar a sua origem é a única conduta factível que você pode adotar para realizar o Si Mesmo. Diz-se que o ego tem um corpo causal, mas como pode você torná-lo o sujeito da sua investigação? Quando o ego adota essa forma, você está imerso na escuridão do sono profundo.

D – Mas não é o ego, nas suas formas sutil e causal, intangível demais para ser abordado por meio da investigação da origem do *aham-vritti*, conduzida enquanto a mente está desperta?

M – Não. A investigação da fonte do *aham-vritti* atinge a existência em si do ego. Portanto, a sutileza da forma do ego não é uma consideração relevante.

D – Quanto o único anseio é realizar a incondicionada, pura existência do Si Mesmo, que de forma alguma depende do ego, como pode a investigação relativa ao ego, na forma de *aham-vritti*, ser de alguma utilidade?

M – Do ponto de vista funcional, o ego - essa formação, atividade, ou de que outra maneira você queira chamá-lo (isso é irrelevante, visto que ele é evanescente) - tem uma e somente uma característica. O ego funciona como o nó entre o Si Mesmo, que é Pura Consciência, e o corpo físico, que é inerte e insensível. O ego é, por isso, chamado de *chit-jada-granthi* (nó entre a Consciência e o corpo).

Na sua investigação acerca da fonte do *aham-vritti*, você toma o aspecto essencial do ego que é *chit* – e por essa razão a investigação conduzirá à realização da pura consciência de Si Mesmo.

D – Qual é a relação entre a pura consciência realizada pelo *Jnani* e a sensação de “eu sou” que é aceita como o dado primário da experiência?

M – A Consciência indiferenciada do Puro Ser é o Coração ou *Hridayam*, que é o que você realmente é, como a própria palavra em si mesma denota: (*hrit + ayam* = coração eu sou). Do Coração nasce a noção “eu sou” como o dado primário da experiência do indivíduo. Por si mesmo, o “eu sou” é de caráter *suddha-sattva* (puro, não contaminado). É nessa *suddha-sattva svarupa* (forma

pura, não contaminada por *rajas* e *tamas*), que o “eu” parece subsistir no Jnani...

D – No *jnani*, o ego subsiste na forma *satvica* e, portanto, aparece como uma coisa real. Estou certo?

M – Não. A existência do ego, em qualquer forma, seja no *jnani* ou *ajnani*, é em si própria uma aparência. Mas, para o *ajnani*, que se ilude pensando que o estado de vigília e o mundo são coisas reais, o ego também parece ser real. Uma vez que ele vê o *jnani* agir da mesma forma que outros indivíduos, ele se sente compelido a pressupor a noção de individualidade também com referência ao *jnani*.

D – Como funciona então o *aham-vritti* no *jnani*?

M – Nele não funciona, absolutamente. A atenção do sábio (*jnani lakshya*) é o próprio Coração, porque ele é uno com e idêntico à Consciência Pura e indiferenciada a que se referem os Upanishads como *Prajnana* (consciência pura). *Prajnana*, na verdade, é Brahman, o Absoluto, e não há outro Brahman que não a *Prajnana*.

D – Como então a ignorância dessa singular e única Realidade infelizmente surge no caso do *ajnani*?

M – O *ajnani* vê apenas a mente, que é um mero reflexo da luz da Consciência Pura, que surge do Coração. Do Coração mesmo, ele é ignorante. Por quê? Porque sua mente é extrovertida e nunca buscou sua Fonte.

D – O que impede a infinita, indiferenciada luz da Consciência, que nasce do Coração, de revelar-se ao *ajnani*?

M – Assim como a água no pote reflete o enorme sol dentro dos limites estreitos do pote, da mesma forma as *vasanas* ou tendências latentes da mente do indivíduo, agindo como o meio refletor, captam a onipresente, Infinita luz da Consciência, que surge do Coração, presente na forma de um reflexo, que é o fenômeno denominado “mente”. Vendo apenas esse reflexo, o *ajnani* é levado a acreditar que ele é um ser finito, o *jiva*.

Se a mente torna-se introvertida por meio da investigação sobre a fonte do *aham-vritti*, as *vasanas* se extinguem e, na ausência do meio refletor, o fenômeno da reflexão, quer dizer, a mente, também desaparece, sendo absorvida na luz da única Realidade – o coração.

Essa é a síntese, a essência de tudo o que um aspirante precisa saber. O que se requer imperativamente dele é uma investigação séria e unidirecional sobre a fonte do *aham-vritti*.

D – Mas, qualquer tentativa que ele possa fazer é limitada à mente no estado de vigília. Como pode tal investigação, conduzida em apenas um dos três estados da mente, destruir a própria mente?

M – A investigação da Fonte do *aham-vritti* é, sem dúvida, iniciada pelo *Sadhaka* no estado de vigília da mente. Não se pode dizer que nele a mente tenha sido destruída. Mas o próprio processo da autoinvestigação revelará que os três estados da mente, assim como a alternância ou transmutação entre eles, pertencem ao mundo dos fenômenos, que não pode afetar sua intensa investigação interior.

A autoinvestigação só é realmente possível por meio de intensa introversão da mente. O que é finalmente realizado como resultado de tal investigação sobre a fonte do *aham-vritti* é verdadeiramente o coração como luz Indiferenciada da Pura Consciência, em que a luz refletida da mente é completamente absorvida.

D – Para o *jnani*, então, não há distinção entre os três estados da mente?

M – Como poderia haver, quando a mente mesma é dissolvida e perdida na luz da Consciência? Para o *jnani*, todos os três estados são igualmente irrealis. Mas o *ajnani* é incapaz de compreender isso, porque para ele o critério de realidade é o estado de vigília, enquanto que, para o *jnani*, o critério de Realidade é a própria Realidade. Esta Realidade da Pura Consciência é atemporal por sua natureza e subsiste igualmente durante o que você chama de vigília, sonho e sono profundo. Para aquele que é uno com esta Realidade, não há mente nem seus três estados e, portanto, nem introversão nem extroversão.

Seu é o estado sempre desperto, porque ele está acordado para o atemporal Si Mesmo; seu é o estado de perene sonho, porque para ele o mundo não é de forma alguma melhor do que o fenômeno do sonho repetidamente apresentado; seu é o estado de perene sono profundo, pois ele se encontra, em todos os momentos sem a consciência “eu sou o corpo”.

D – Devo então considerar Sri Bhagavan falando comigo em um estado de vigília–sonho–sono profundo?

M – Porque a sua experiência consciente está agora limitada à duração da extroversão da mente, você denomina o presente momento de “estado desperto”, enquanto que, durante todo o tempo, sua mente se encontra adormecida em relação ao Si Mesmo e, portanto, você está agora dormindo profundamente.

D – Para mim, o sono profundo é um mero vazio.

M – Assim é porque o seu estado de vigília é uma simples efervescência da mente inquieta.

D – O que eu quero dizer com “vazio” é que não estou cômico de coisa alguma no meu sono profundo – para mim isso é o mesmo que não-existência.

M – Mas voc4 existe durante o sono profundo.

D – Se existo, n4o tenho consci4ncia disso.

M – Voc4 n4o est4 querendo dizer, com toda a seriedade, que voc4 deixou de existir durante o sono! (rindo). Se voc4 foi dormir como o Sr. X, vai acordar como o Sr. Y?

D – Eu conheço minha identidade, talvez, por uma açaõ da mem4ria.

M – Admitindo-se isso – como tal é poss4vel a n4o ser que haja continuidade da consci4ncia?

D – Mas eu n4o estava cômico dessa consci4ncia.

M – N4o. Quem diz que voc4 est4 inconsciente no sono profundo? 4 a sua mente. Mas n4o havia mente alguma no seu sono profundo. Que valor tem o testemunho da mente acerca da sua exist4ncia ou experi4ncia durante o sono profundo? Buscar o testemunho da mente para refutar a sua exist4ncia ou a sua consci4ncia durante o sono profundo 4 como buscar a evid4ncia fornecida por seu filho para refutar o nascimento do pai dele, voc4!

Lembra-se que eu lhe disse uma vez que exist4ncia e consci4ncia n4o s4o duas coisas diferentes, mas uma s4 e mesma coisa? Bem, se por alguma raz4o voc4 se sente compelido a admitir o fato de que voc4 existe no sono profundo, fique certo de que voc4 tamb4m est4 consciente dessa exist4ncia.

De que voc4 estava realmente inconsciente no seu sono profundo era da sua exist4ncia corp4rea. Voc4 est4 confundindo essa percepçaõ do corpo com a verdadeira percepçaõ do Si Mesmo que 4 atemporal.

Prajnana, que 4 a fonte do sentimento “eu sou”, subsiste sempre, sem ser afetada pelos tr4s estados transit4rios da mente, habilitando-o assim a conservar inalterada a sua identidade. Prajnana tamb4m est4 al4m dos tr4s estados, porque ela pode subsistir sem eles e a despeito deles. 4 para essa Realidade que voc4 deve se dirigir durante o seu assim chamado estado de vig4lia, seguindo o *aham-vritti* at4 a sua Fonte. A pr4tica intensa nessa investigaçaõ revelar4 que a mente e os seus tr4s estados s4o irrealis, e que voc4 4 a consci4ncia atemporal, infinita, do Puro Ser, do Si Mesmo ou Coraç4o.

APÊNDICE

Bhagavan Sri Ramana Maharshi

POR SRI SWAMI SIDDESHWARANANDA

Sri Swami Siddheswarananda foi um estudioso erudito da Vedanta e um ilustre membro da Ordem de Sri Ramakrishna, e foi responsável por sua sucursal em Paris.

Enquanto na Índia, visitava frequentemente o ashram e era um fervoroso devoto de Bhagavan Sri Ramana Maharshi, a quem adorava como a encarnação viva da Verdade, uno com todo o universo, o Ser de tudo.

Este artigo é condensado a partir da tradução feita por Maior AW Chadwick, OBE, do artigo original em Francês.

Sri Ramana Maharshi expõe um sistema de pensamento e filosofia de vida que encarna a essência dos ensinamentos da Vedanta. Na Índia, uma filosofia de vida não pode ter influência alguma, absolutamente, exceto quando se acha refletida na vida de quem a expõe. Devemos também dizer que é a vida de um indivíduo e suas 'realizações' que dão oportunidade à construção de um sistema filosófico, e essa vida traz uma compreensão e abre um horizonte que afetam toda a sociedade e tornam melhor a relação entre os entes humanos.

Quando os profetas da antiga Índia atingiram as verdades últimas, que imediatamente expressaram em hinos védicos e nos ensinamentos dos Upanishads, eles foram encarados como o sal da terra, porque se tornaram faróis que orientam a humanidade hesitante no seu caminho.

As verdades que esses grandes seres descobriram estão escondidas na alma, e o que eles ensinam ao homem é tão somente o meio de mergulhar em si mesmo para trazer à luz do dia o tesouro secreto que todos possuem. É o fato de cada um ter o direito de fazer sua própria introspecção que confere dignidade aos esforços do ser humano, porque a Verdade é a nossa herança legítima.

Os Upanishads dirigem-se nestes termos a todos aqueles que aspiram à Verdade: "Oh vós, herdeiros da felicidade imortal!" Pode existir algo mais animador que essas palavras de esperança? Não é no pecado original que o ente humano encontra a base de sua existência, e sim na chama dourada da luz do *Atman* (o Ser pleno).

O Maharshi descobriu isso por conta própria, sem qualquer ajuda exterior. Estudante muito jovem, ele foi assaltado pelo medo da morte. Lançou fora os

livros, que mais frequentemente escondem do que revelam a Verdade. Deitou-se no chão, fechou os olhos e simulou todos os sintomas de morte.

Eis o que ele mesmo narrou sobre essa experiência: “Agora, a morte chegou; qual o seu significado? O que é isto que morreu? O corpo material morre. Eu imediatamente dramatizei a cena da morte. Estendi meus membros e os mantive rígidos. Prendi a respiração. ‘Muito bem’, disse a mim mesmo, ‘este corpo está morto; eles virão e irão levá-lo ao crematório e reduzi-lo a cinzas. Mas, quando o corpo morre, eu morro? Este corpo sou eu? Ele está inerte, e eu sinto minha personalidade independente dele. Eu sou, então, o Espírito imortal que transcende o corpo, que é o único que vive e morre’. Tudo isso surgiu intensamente diante de mim, sem ter de ser expresso, como a verdade viva percebida diretamente e quase sem argumento. O medo da morte desapareceu completa e definitivamente. Essa presença direta e consciente do “eu” ou Self, completamente independente do corpo físico, tem se mantido desde então.”

Esta experiência direta do Ser é chamada *Aparokshanubhuti*, que é distinto de todo o conhecimentos obtido por esforço intelectual, que sempre implica uma relação entre o sujeito e o objeto, e, conseqüentemente, é limitado pelo espaço e tempo e não tem qualquer valor transcendental.

Aquele que tem essa experiência direta do Ser é considerado como ente liberado, mesmo enquanto ainda está vivo. Ele é chamado de *Jivanmukta*. A existência de tais indivíduos, que são encarnações vivas da Verdade, torna a Verdade demonstrável. A percepção vedântica desses grandes seres resulta efetivamente na possibilidade de uma aplicação prática, e as suas realizações elevam o nível da consciência humana.

É este aspecto do Vedanta que tem atraído para seus ensinamentos a atenção dos eruditos. A pesquisa vedântica é muito mais profunda do que toda análise objetiva da matéria; dirige-se para a base fundamental da percepção e, como tal, nos dá uma sinopse da Verdade, em vez de uma visão reducionista. O interesse que o Ocidente tem na vida e nos ensinamentos de Sri Ramana Maharshi prova a atração universal da Vedanta, que se pode ver consubstanciada no Sábio de Tiruvannamalai.

Em um artigo sobre a yoga indiana, M. Lacombe, da Universidade de Paris escreveu sobre o Maharshi: “Sua pessoa irradia uma força composta de inteligência e conhecimento profundo de si mesmo. Um olhar cintilante, intenso e fixo, sem severidade, uma olímpica brandura do gesto, esbelto e de constituição refinada em um corpo imóvel, ele é considerado por críticos judiciosos um autêntico Yogi, que alcançou a mais alta Realização”.

Cito essa passagem apenas para mostrar a impressão produzida pelo Maharshi no visitante que se expõe à atmosfera que envolve o Sábio.

É, no entanto, muito difícil para um europeu, moldado nas tradições da Teologia e da Filosofia do Ocidente, ter qualquer contato com a idéia do que é a vida do Maharshi. Eu, respeitosamente, observo ao ilustre professor que o

Maharshi é muito mais um *jnani tattva* (um indivíduo que conhece a verdade) do que um *yogi*; sua compreensão da vida engloba a totalidade, o que para um indiano abrange os três estados, *jagrat*, *svapna* e *sushupti*. A vivência ióguica é aquela do "eu" como identificação cósmica, que toma o estado de vigília (*jagrat*) como o domínio essencial da experiência. Se se quiser encontrar exemplos dessa universal e cósmica experiência do "eu", como M. Lacombe a chama, não há falta de místicos na Índia que tenham atingido suficiente realização nessa base de experiência.

Mas o Maharshi é acima de tudo um *jnani tattva*, e o campo de sua investigação e experiência é muito maior que a de um místico. O Sábio transcende os limites do três estados.

O Maharshi aceita a terminologia sancionada pela tradição e sempre empregada pelos sábios da Índia desde o tempo dos Upanishads.

Os ensinamentos de Maharshi estão em perfeito acordo com as escrituras filosóficas e espirituais da Índia antiga e procedem diretamente (da mesma fonte) dos grandes sábios do passado.

Quem tem a oportunidade de acompanhar de perto o Maharshi sabe muito bem que ele não é nem um 'extrovertido' nem um "introvertido". Ele é o homem mais normal que alguém poderia encontrar. Ele é de fato um *sthitaprajna*, um homem cuja inteligência está solidamente fundamentada. Eu o vi aparentemente mergulhado em si mesmo, todos acreditando que ele estivesse absorto em seu próprio Eu, mas quando, nesse momento, alguém no final do corredor cometeu um erro na recitação de certos versos em Tâmil, o Maharshi abriu os olhos, corrigiu o erro, em seguida novamente os fechou e voltou ao seu estado anterior.

Eu já disse que não se pode afirmar que o mundo exterior não interessa a ele. Ele chegou a um grau extraordinário de concentração, e como a concentração repousa eternamente em um estado habitual de vida em *jnana* ou - como a chama o Sábio – *sahajasthiti*, ele não é nem um introvertido nem extrovertido. Ele é, simplesmente. E, pelo seu conhecimento da Realidade final, ele é uno com ela na sua expressão de multiplicidade de manifestação, ele é um com o Universo todo.

Quando eu o vi, encontrei nele o exemplo perfeito da descrição que Sri Shankaracharya faz em seu *Vivekachudamani*, quando explica o que caracteriza um *Jivanmukta*. O versículo 429 reza:

"Aquele que, mesmo quando a sua mente está imersa em *Brahman*, está, contudo, totalmente acordado, mas é ao mesmo tempo livre das características do estado de vigília, e cuja realização é livre de todo desejo, deve ser considerado um homem liberto enquanto ainda está vivo". A noção de introversão e extroversão não pode ser aplicada a alguém cuja filosofia de vida repousa de uma forma incomparável sobre a experiência do estado de vigília (referência ao *sahaja samadhi*, vivência no estado transcendental sem necessidade de transe; o mais elevado samadhi. N.T.).

No *Panchadasi*, que é um tratado competente sobre *Advaita*, encontramos no versículo 13 do capítulo VI uma declaração que é sumamente importante a esse respeito. O autor, *Vidyaranya*, diz:

"A destruição do mundo e do *jiva* não significa que eles devem se tornar imperceptíveis aos sentidos, mas deve surgir a compreensão determinante da sua natureza irreal. Se devessem tornar-se imperceptíveis, as pessoas poderiam encontrar emancipação sem fazer qualquer esforço pessoal (de investigação), como no sono sem sonhos ou em um desmaio (quando todas as percepções desaparecem completamente)".

Como diz o *Gita*, o *Atman*, esquecendo a sua verdadeira natureza, acredita que é o ego e, como tal, autor das ações, o que é a causa de todo mal-entendido. Um homem como o Maharshi, que transcendeu o ego, é considerado pelos Upanishads o Self de tudo.

Se pudéssemos passar pelo menos algum tempo ao lado do Maharshi, poderíamos, então, ser capazes de compreender melhor, à luz das palavras proferidas pelo sábio sobre questões filosóficas, que a vida de iluminação, como o grande fogo que brilha no topo do monte Arunachala*, é um verdadeiro farol para aqueles que desejam encontrar na Índia moderna os revivificantes efeitos dos ensinamentos dos Upanishads, consagrados pelo tempo.

* Anualmente, durante o festival *Kartighai Deepam*, uma grande fogueira é mantida por alguns dias no topo de Arunachala e funciona, também, como um farol para os peregrinos (N.T).

GLOSSÁRIO

A

Abhyasa: prática espiritual.

Advaita: não-dualidade; também, a doutrina da não-dualismo.

Aham: 'eu'.

Aham-vritti: o pensamento 'eu', a sensação limitada de eguidade.

Ajnana : a ignorância do indivíduo acerca da verdade de si próprio.

Ajnani: uma pessoa que é ignorante de sua verdadeira natureza.

Anubhava: experiência, especialmente a experiência de autoconhecimento.

Aparokshanubhuti: experiência direta (do autoconhecimento).

Artha-Vada: argumento explanatório dado para atender a um determinado propósito.

Asana: postura, especialmente a postura adotada para a meditação.

Asramam: a morada de um sábio ou asceta.

Atman: o Ser real.

Atma-jnani: a pessoa que atingiu autoconhecimento.

Atma-vichara: autoinvestigação, a prática de examinar ou a prestar atenção à sensação de "eu", a fim de descobrir 'Quem sou eu?'

Atma-Vidya: autoconhecimento.

B

Bhajans: cantos devocionais.

Bhakta: devoto.

Bhakti: devoção.

Bhavana: visualização, contemplação com imagem, meditação.

Brahma-jnana: o conhecimento de Brahman (conhecer Brahman é ser Brahman).

Brahman: a não-dual realidade absoluta, que é o Self, Si-Mesmo ou Atman.

C

Chakra: um dos sete principais centros yóguicos do corpo.

Chidananda: a bem-aventurança da consciência pura.

Chit: consciência pura, que é a natureza do Ser real.

Chit-Jada-granthi: o nó entre Si Mesmo, que é consciência pura, e o corpo, que é insensível.

D

Dehatma-Buddhi: o sentimento "eu sou este corpo".

Dhyana: atenção, meditação.

Dvaita: dualidade; também, a doutrina do dualismo.

G

Gita: o Bhagavad Gita, uma das escrituras hindus mais renomadas.

Guru: um verdadeiro mestre espiritual, que é conscientemente uno com Deus ou Ser real.

Guru-Kripa: a Graça do Guru.

Grihasta: um chefe de família, uma pessoa que leva uma vida de casado.

H

Hridayam: o coração, que é o Eu real.

I

Iswara-svarupa: a natureza de Deus ou Iswara.

J

Jada: insensível.

Jagrat: o estado de vigília.

Jagrat-sushupti: o estado de sono profundo em vigília, em que não há pensamento algum, mas em que há plena consciência da existência-consciência "Eu sou".

Japa: repetição de um mantra ou um nome de Deus.

Jiva: alma individual.

Jivanmukta: uma pessoa que é liberada mesmo vivendo no corpo.

Jnana: conhecimento, especialmente o conhecimento do Eu real.

Jnana-vichara: autoinvestigação, investigação levando a Jnana ou autoconhecimento.

Jnani: a pessoa que atingiu o autoconhecimento.

K

Karma-yogi: uma pessoa cujas ações não são motivadas pelo desejo de benefício pessoal ou por qualquer tipo de apego.

Kevala nirvikalpa samadhi: um estado temporário de samadhi ou absorção no Self.

L

Lakshya: alvo (em que a atenção está centrada), o que é mantido em vista.

M

Maharshi: um grande sábio.

Mantra: a fórmula sagrada usada para japa ou repetição.

Marga: um caminho espiritual.

Maya: ilusão (literalmente: medir, avaliar. Tomar o resultado da medida, da avaliação, como verdade, é viver na ilusão).

Moksha: libertação.

Mouna, mauna: silêncio.

N

Nama: nome; também, um nome de Deus.

Nama-japa: repetição de um nome de Deus.

Namaskar: ato de reverência.

Nirvana: o estado de liberação ou ausência de ego.

Nirvikalpa samadhi: o estado de autoabsorção.

P

Prarabdha: destino; a parte do fruto das ações passadas do indivíduo que é destinada a ser experimentada nesta vida.

Prasad: alimento oferecido ao Guru ou a uma divindade, uma parte do qual pode ser devolvida ao devoto como um sinal de bênção.

Purusha Sukta: um hino do Rig Veda.

Prajnana: consciência pura.

R

Rajas: a segunda das três gunas, ou qualidades da natureza; a qualidade de inquietação, atividade, desejo e paixão.

Rishi, rshi: um Sábio.

S

Sadhana: uma prática espiritual, um meio adotado visando o progresso espiritual.

Sadhaka: uma pessoa que pratica sadhana.

Sahaja jnani: a pessoa que permanece em seu estado natural, quer em repouso quer em atividade, tendo atingido o autoconhecimento.

Sahaja nirvikalpa samadhi: o estado permanente e natural de samadhi, ou completa absorção no Self.

Sahaja-sthiti: o estado natural.

Sahasrara: um dos sete centros yóguicos, descrito metaforicamente como um lótus de mil pétalas, situado na região do cérebro.

Samadhi: o estado de autoabsorção, em que (como definido por Sri Bhagavan, na pag. 23) "há apenas o sentimento de 'eu sou' sem pensamento algum".

Samsara: o mundo objetivo; o oceano de transformações; o ciclo de nascimentos e mortes.

Samskaras: tendências latentes; as impressões mentais ou as persistentes tendências resultantes de vidas anteriores.

Sannyasa: renúncia.

Sannyasin: um renunciante.

Sastras: as Escrituras.

Sat: verdadeira existência ou ser.

Sat-Chit: existência-consciência.

Sattva: a primeira das três gunas, ou qualidades de natureza; a qualidade de calma, bondade e pureza.

Sattvic: da natureza da Sattva.

Siddhis: poderes ocultos.

Sri Bhagavata: um dos dezoito Puranas, um texto sagrado centrado principalmente em torno da vida de Sri Krishna.

Sthita-prajna: uma pessoa que permanece firmemente no estado de autoconhecimento.

Suddha-sattva : pureza não contaminada, ou sattva.

Suddha-sattva svarupa: a forma de sattva não contaminada.

Sunya-Vadin: um ateu, um nihilista, uma pessoa que nega a existência de Deus ou da realidade fundamental.

Sushupti: sono sem sonhos.

Svapna: sonho.

T

Tamas: a última das três gunas, ou qualidades da natureza; a qualidade da ignorância, da escuridão e da inércia.

Tattva-jnani: a pessoa que conhece a Verdade.

U

Ulladu Naarpadu: A Verdade Revelada, ensinamento em forma de poema, de Bhagavan Sri Ramana.

Upanishads: as porções posteriores e mais filosóficas dos Vedas.

V

Vairagya: ausência de desejo.

Vasanas: agregados de tendências mentais similares, que têm continuidade a partir de vidas anteriores.

Vasana-kshaya: a destruição de todas as vasanas.

Vritti: onda mental, pensamento.